

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**AVALIAÇÃO DOS FATORES QUE
LEVARAM RECLUSOS A SE ENVOLVEREM
COM A CRIMINALIDADE
NA PERSPECTIVA DE SUAS FAMÍLIAS**

EMILSON FERNANDO RESENDE DA SILVA

NOVEMBRO DE 2014

EMILSON FERNANDO RESENDE DA SILVA

AVALIAÇÃO DOS FATORES QUE LEVARAM RECLUSOS A SE ENVOLVEREM
COM A CRIMINALIDADE NA PERSPECTIVA DE SUAS FAMÍLIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Viçosa-UFV, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Marcelo Ottoni Durante

VIÇOSA-MG, 2014

FOLHA DE CATALOGAÇÃO DA BIBLIOTECA

EMILSON FERNANDO RESENDE DA SILVA

**AVALIAÇÃO DOS FATORES QUE LEVARAM RECLUSOS A SE ENVOLVEREM
COM A CRIMINALIDADE NA PERSPECTIVA DE SUAS FAMÍLIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Viçosa-UFV, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Marcelo Ottoni Durante

COMISSÃO EXAMINADORA

APROVADA: ____ / ____ / 2014.

Prof. Marcelo Ottoni Durante (Orientador)
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Fabricio Roberto Costa Oliveira
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Luciano Rodrigues Costa
Universidade Federal de Viçosa

AGRADECIMENTOS

Grandes foram os desafios até chegar aqui anos de estudos, renúncias e escolhas, mas maiores ainda serão as vitórias, hoje a emoção é imensa ao realizar este grande sonho. A caminhada não foi fácil, pois trabalhar e estudar não é fácil, no entanto tornou-se amena, com pessoas que amo ao meu lado.

Agradeço primeiramente a Deus por mais esta graça alcançada. A minha esposa e ao meu filho por estarem sempre por perto, me apoiando nas horas fáceis e difíceis com toda paciência do mundo. Agradeço a minha sogra que sempre me incentivou a persistir, aos meus pais que acreditaram e rezaram todos os dias por mim, ao meu irmão pela força e companheirismo.

Agradeço em especial o Prof. Marcelo Ottoni, meu orientador, pela paciência e presteza que sempre nos atendeu, aos colegas de curso Allan Ribeiro e Luciano Rodrigues que muito me auxiliaram nesta empreitada e nos momentos finais do curso.

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais, que contribuíram para a minha formação acadêmica e profissional.

Aos colegas de turma e demais colegas de curso, principalmente os discentes da disciplina Sociologia da Violência e Criminalidade 2014/2 nas contribuições prestadas na pesquisa de campo deste trabalho, pela amizade construída com todos da família CIS.

A todas as pessoas que contribuíram para essa conquista o meu reconhecimento e gratidão.

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos.

"Se o ensino é superior, a pessoa que o abraça é digna de respeito. Assim sendo, desprezar essa pessoa é o mesmo que desprezar o próprio ensino. Isto é comparável a atitude de censurar uma criança, cujo ato é ao mesmo tempo uma censura aos pais."

(Nitiren Daishonin)

RESUMO

O número de presos no Brasil tem crescido exponencialmente nos últimos 20 anos e, mesmo assim, a criminalidade hoje está pior do que antes. A política de segurança pública, em especial a de encarceramento, não tem sido eficaz. Nesse sentido, junto aos demais trabalhos na área de segurança pública que trabalham com dados oficiais estatísticos, o presente trabalho traz a visão dos familiares acerca dos seus parentes presos. Realizou-se uma pesquisa com os familiares dos presos do Presídio de Viçosa afim de analisar o discurso deles acerca dos fatores e condicionantes que levaram o preso a cometer crimes. Este tipo de pesquisa não é habitual no Brasil. Os resultados da pesquisa demonstram a complexidade do fenômeno da criminalidade a partir da lógica do discurso dos familiares dos presos. Compreendemos que não se trata apenas de mais uma versão, mas sim uma perspectiva de análise que deve ser incorporada ao desenvolvimento de novas políticas públicas de segurança.

Palavras-chave: familiares, presos, discurso, crime.

ABSTRACT

The number of prisoners in Brazil has grown exponentially in the last 20 years, and even then, crime is now worse than before. The public security policy, especially incarceration, has not been effective. In this sense, together with the other works in the area of public safety officers who work with statistical data, this paper brings the vision of the family about their imprisoned relatives. We conducted a survey of the families of the prisoners from the prison of Viçosa in order to analyze their discourse about the factors and conditions that led the prisoner to commit crimes. This type of research is not usual in Brazil. The survey results demonstrate the complexity of the phenomenon of crime from the logic of the discourse of the families of prisoners. We understand that this is not just another version, but an analytical perspective that should be incorporated into the development of new public security policies.

Key Words: families, prisoners, speech, crime.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1. Representações sociais e interacionismo simbólico.....	14
2.2. Teorias criminológicas	17
2.3. Pesquisas com familiares dos presos.....	19
3. MÉTODO	20
3.1. Referências metodológicas	20
3.2. Método de coleta dos dados: entrevistas e amostragem.....	23
3.3 Métodos de análise das entrevistas: análise do discurso.....	24
3.4. Operacionalidade da pesquisa.....	26
4. ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS	29
4.1. VISÃO DO FAMILIAR SOBRE O PRESO: relação, integração e comportamento	29
4.1.1. Personalidade do preso	29
4.1.2. Escolaridade e capital cultural	30
4.1.3. Fricção geracional	33
4.1.4. Emprego e trabalho	35
4.1.5. Clínicas	37
4.2. ENTRADA NO CRIME: visão dos familiares dos fatores que levaram seus parentes a cometerem crimes e serem presos	38
4.2.1. Coleguismo	38
4.2.2. Drogas.....	40
4.2.3. Cabeça fraca.....	42
4.2.4. Influência familiar	43
4.2.5. Dinâmica do crime	45
4.3. PRISÃO, PRESÍDIO E FUTURO	47
4.3.1. Impacto da prisão na família.....	47
4.3.2. Apoio familiar e expectativa com relação ao futuro	48
4.3.3. Visão sobre o presídio	49
4.4. BREVES CONSIDERAÇÕES NA VISÃO DE UM AGENTE PRISIONAL	50
5. ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS FAMILIARES SOBRE OS PRESOS	54
5.1. Análise da visão da família sobre o preso	54
5.2. Análise sobre a visão dos familiares acerca dos fatores criminogênicos.....	57
5.3. Análise sobre a visão dos familiares sobre o impacto da prisão, o presídio e o futuro.....	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

1. INTRODUÇÃO

O Brasil tem passado por positivas mudanças sociais desde a redemocratização e, em especial, os últimos 10 anos. São mudanças sociais que tem provocado a diminuição das desigualdades de renda, diminuição do desemprego, melhorias na educação (aumento do número de graduados e pós-graduados), saúde e até, recentemente, a Organização das Nações Unidas (ONU), publicou estudo em que o Brasil, pela primeira vez na história, está fora do mapa da fome mundial.

Malgrado todas essas mudanças, à segurança pública não tem sido dada a especial atenção pelos governantes. A melhora das condições sociais tem sido desagradavelmente, acompanhada pela piora nos indicadores da violência e criminalidade no país, em especial nas cidades do interior, segundo o Mapa da Violência de 2012. Vivemos hoje com melhores condições sociais que há 30 anos atrás, mas também com piores índices de crimes violentos.

Nesse mesmo período, em todo o Brasil houve aumento dos gastos com segurança pública, em especial com o encarceramento. De acordo com dados da 7ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o número de presos no Brasil cresceu 9,39% entre 2011 e 2012, sobrecarregando ainda mais o já superlotado sistema penitenciário brasileiro. Houve, nos últimos 20 anos, um aumento da taxa de aprisionamento na ordem de 289,2%, passou de uma taxa de 74 presos por 100 mil habitantes em 1992, para 288 presos em 2010. Quando comparado com outros países temos que:

Segundo levantamento feito a pedido da BBC Brasil pelo especialista Roy Wamsley, diretor do anuário online World Prison Brief (WPB), nas últimas duas décadas o ritmo de crescimento da população carcerária brasileira só foi superado pelo do Cambodja (cujo número de presos passou de 1.981 em 1994 para 15.404 em 2011, um aumento de 678% em 17 anos) e está em nível ligeiramente inferior ao de El Salvador (de 5.348 presos em 1992 para 25.949 em 2011, um aumento de 385% em 19 anos). (BBC Brasil, 2012)

Em números mais concretos, de acordo com o último levantamento realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional, no ano de 2011 a população carcerária no Brasil era de 548.033 presos no país e segundo dados mais atuais revelados pelo Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas (DMF/CNJ) totalizavam 567.655 presos que se acrescentados

as prisões domiciliares totalizam 715.655 presos. Sendo que destes 53.000 presos estão encarcerados no estado de Minas Gerais e os gastos em segurança pública somente no estado de Minas estão na ordem de 7,8 bilhões.

Em meio a essa situação, na arena pública concorrem diferentes perspectivas acerca da segurança pública. Algumas vozes advogam no recrudescimento do sistema de justiça criminal com a proposição do aumento do número de vagas nas prisões, aumento no tempo de encarceramento e até a diminuição da maioria penal. Outras vozes e grupos advogam pela melhoria das condições sociais como fator principal para a diminuição da violência.

Nesse sentido, quando o assunto é segurança, muitas vezes, infelizmente, cai-se na oposição entre repressão e prevenção, com maior destaque para a primeira. Contudo é preciso reconhecer o papel dos sociólogos especialistas em segurança pública para a paulatina superação dessa dicotomia.

As proposições dicotomizadas entre repressão e prevenção, nesses últimos 20 anos mostraram-se fracassadas, no que se refere à segurança pública. Nem o recrudescimento da justiça criminal, como podemos perceber pelo aumento de policiais e de prisões e encarceramentos, nem a melhora dos indicadores sociais, como, por exemplo, IDH e emprego formal, foram capazes de resolver o problema da violência e criminalidade no país.

Diante desse cenário torna-se importante os estudos e pesquisas sociológicas acerca da segurança pública, em especial aquela que leva em consideração os atores sociais diretamente envolvidos com os crimes violentos: presos e seus familiares e as vítimas (no presente trabalho serão considerados apenas os familiares dos presos). Pesquisar junto a esses atores sociais é ir além do que as estatísticas e políticas importadas podem alcançar, é identificar os motivadores das condutas e ações dos criminosos e o seu impacto na vida das pessoas.

Nesse sentido, destacamos a importância das entrevistas com os familiares para compreender, a partir da visão destes, a real dimensão da vida criminosa, ou melhor, de como o preso se tornou criminoso. As entrevistas com familiares de detentos é algo pouco desenvolvido no Brasil, uma espécie de novidade, pois não temos fontes que indicam que este tipo de pesquisa ou estudo já tenha sido realizado no Brasil.

A partir destas entrevistas, pretende-se ver a avaliação que os familiares, pessoas que tiveram contato muito próximo com os presos durante toda a vida deles, fazem dos

seus parentes presos e o que eles identificam como condicionantes para estes terem cometido crimes. Em outras palavras, como os familiares acham que seus parentes tenham se tornado pessoas desviantes.

Nosso campo de estudos abrangeu os familiares dos presos de Viçosa. O Presídio de Viçosa (PRVI), fica localizado no bairro Bom Jesus em Viçosa-MG, bairro periférico deste município. O presídio é considerado modelo no estado de Minas Gerais, devido alguns aspectos como possuir uma escola estadual em suas dependências proporcionando ensino regular em parceria com a Secretaria Estadual de Educação e em algumas oportunidades oferecer cursos técnico profissionalizante aos reclusos com bom comportamento, possuindo também uma horta modelo a qual sua produção em sua grande maioria é destinada a instituições de caridade da cidade, contando com um corpo técnico de profissionais atuantes como (enfermeiro, técnico de enfermagem, médico, pedagoga e assistente jurídico) e em fase de contratação (dentista e auxiliar).

O Presídio de Viçosa foi inaugurado no ano de 2005, e conta hoje com 140 presos reclusos (em média), demonstrando um quadro muito diferente da atualidade do Sistema Prisional em outras regiões no tocante a superlotação, uma vez que nunca esteve no limite de sua ocupação, abrigando “confortavelmente” seus reclusos.

Outro dado que nos chama atenção é que 40% dos seus Agentes Prisionais, compostos num total de 65 possuem formação superior ou estão cursando algum tipo de curso superior. A impressão que sempre passa do local é de limpeza e organização.

O perfil de seus reclusos é formado em sua maioria por jovens dependentes de drogas, que cometem pequenos delitos para manutenção de seu vício. O presídio conta com uma infraestrutura padrão utilizado pela Secretaria de Estado de Defesa Social, com o seu quadro funcional organizado em Diretoria, Corpo Técnico e profissional de Segurança. Onde a Diretoria é responsável por gestão da Unidade Prisional, e Corpo Técnico com profissionais da educação, de saúde, psicologia e assistência social, são responsáveis pelo ressocialização e os profissionais de segurança têm a função de garantir a ordem junto aos detentos.

Alguns números do Presídio de Viçosa:

PRESÍDIO DE VIÇOSA - PRESOS	
Homens	111
Mulheres	14
	125

Regime fechado	16
Regime semiaberto	31
Regime aberto	0
Preso provisório	78
	125
Albergados	12
Trabalho externo ao presídio	6
Estudam	40

Tabela 01. Presídio de Viçosa – presos

PRESÍDIO DE VIÇOSA - VISITANTES	
Feminino	95
Masculino	40
Crianças	36
Total	171

Tabela 02. Presídio de Viçosa – visitantes

Para a realização deste trabalho foram realizadas 10 entrevistas com os familiares, selecionados de modo a compreender as perspectivas de pessoas com diferentes sexos e tipo de parentesco com o preso. Além disso, cabe mencionar, que essa pesquisa integra um conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Observatório Social Interdisciplinar da UFV, que integra pesquisas quantitativas e qualitativas acerca da violência e criminalidade em Viçosa e região. O enfoque da presente pesquisa serão as entrevistas com familiares dos presos, pois, anteriormente, já foram realizadas entrevistas com os presos e, concomitantemente, está sendo realizada outra entrevista com indivíduos que passaram por situações semelhantes aos presos, mas que não se tornaram criminosos.

Esse conjunto de pesquisa visa integrar diferentes perspectivas para compreender os motivadores e condicionantes da criminalidade, em outras palavras, os fatores que levam os indivíduos a terem um comportamento desviante. Este trabalho, portanto, será mais uma perspectiva analítica que integrará esse conjunto.

Para encerrar esta apresentação, atentamos para a brevidade das considerações do presente trabalho, não por falta de esforço ou empenho, mas antes por compreender a complexidade do tema, e desta forma, consideramos que, apesar de breve, produzimos importantes contribuições para o avanço da sociologia da violência e criminalidade.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo apresenta uma breve discussão acerca da literatura pertinente à área de estudo e que serviu de apoio e inspiração para a realização deste trabalho. Tratar-se-á aqui sobre as representações sociais e o interacionismo simbólico, teorias criminológicas e as pesquisas realizadas com familiares dos presos que foram encontradas em algumas fontes.

Essa divisão corresponde a forma como se compreende este mesmo trabalho: a discussão sobre as representações sociais e o interacionismo simbólico corresponde à perspectiva paradigmática de abordar e de analisar o presente objeto de estudo, qual seja, a compreensão e discurso dos familiares dos presos acerca destes.

Com relação ao subitem 2, são discutidos algumas abordagens e correntes teóricas que tratam sobre o crime e desvio e do qual se extrai algumas categorias analíticas para analisar o discurso dos familiares.

Na última seção deste capítulo, é feita uma revisão das pesquisas e estudos realizados no Brasil com os familiares dos presos e no qual se discute as abordagens e considerações realizadas.

2.1. Representações sociais e interacionismo simbólico

Nas Ciências Sociais predomina uma divisão histórica que perpassa tanto as teorias como as abordagens metodológicas: indivíduo e sociedade. Segundo Jeffrey Alexander as teorias sociológicas tem a característica de um movimento pendular. O autor considera que exista um movimento pendular nas teorias sociológicas que ora pendem para uma completa cisão entre indivíduo e sociedade e ora tendem ao geral.

A presente pesquisa está centrada na análise do discurso dos indivíduos acerca de um determinado fato: o comportamento dos seus familiares presos. As abordagens das teorias da representação contribuem para focar melhor o problema da pesquisa, na medida em que consideramos os discursos como interpretações sobre o mundo e que orientam e regem as condutas e as comunicações sociais, ou melhor, as interações.

Segundo Durkheim “a vida social é toda ela feita de representações” e,

“(…) o que importa saber não é a maneira pela qual tal pensador concebe individualmente determinada instituição, mas sim a concepção que dela formula o grupo”...(e) “que somente essa

concepção é socialmente eficaz”. (DURKHEIM, 1971, p. XXI, XXII)

Nesse sentido, o ofício do cientista social não é receitar os remédios para o melhoramento social – este ofício pertence ao político, filósofo, engenheiro social e outros. A função do cientista social é esquadrihar os diversos discursos e representações que existem no mundo social e como se relacionam ao comportamento e instituições sociais.

Para reforçar essa noção que orienta o ofício do cientista social, podemos ainda retomar o que disse Weber,

A interpretação da ação deve tomar nota do fato fundamentalmente importante de que aquelas formações coletivas que fazem parte tanto do pensamento cotidiano quanto do jurídico (ou de outras disciplinas) são representações de algo que em parte existe e em parte pretende vigência, que se encontram na mente de pessoas reais (não apenas os juizes e funcionários mas também do “público”) e pelas quais se orientam suas ações. Como tais têm importância causal enorme muitas vezes até dominante para o desenrolar das ações de pessoas reais. (WEBER, 1991, p. 09)

Portanto, são as pessoas reais, e a forma como elas interpretam, julgam e agem perante o mundo que deve ser um dos focos da análise social.

Com relação à análise da violência e criminalidade,

Considerando os fenômenos da violência, a perspectiva analítica centrada nas Representações Sociais permite captar os sentidos que os atores (protagonistas ou vítimas da violência) atribuem às suas representações e às suas práticas, sem secundarizar o sistema (ambiente, contexto, situação, estruturas) no qual esses atores agem e onde ações violentas são praticadas. Privilegia a subjetividade das representações sabendo, no entanto, que elas só se constroem em relação a um dado contexto ou ambiente objetivamente dado. (PORTO, 2006, p. 264)

O fenômeno da violência e da criminalidade deve ser estudado tanto na perspectiva objetiva (dados oficiais) e subjetiva, sob o olhar dos indivíduos que incidem diretamente ou indiretamente no fenômeno. Com relação à análise subjetiva, são nesses estudos que as visões de mundo são compreendidas e torna possível a investigação da real significação do fenômeno no contexto social – e mesmo as suas causas.

Ainda, segundo Porto (2006),

O conhecimento via representações sociais é um tipo de conhecimento que poderia ser dito de segundo grau, não por ser menos relevante do que aquele obtido de “primeira mão”, mas na medida em que chega-se a ele interrogando a realidade através do que se pensa sobre ela. Exemplificando, ao invés de centrar a análise nos dados brutos da violência, interroga(m)-se o(s) imaginário(s) construído(s) sobre a violência. (PORTO, 2006, p. 253)

Em outras palavras, dá-se importante destaque à maneira como o imaginário social, no nosso caso, dos familiares dos presos, compreendem o fenômeno da criminalidade. Esse imaginário é a forma como interpretam e codificam a realidade, as causas e efeitos do comportamento do preso e que tem influencia direta na forma como se orientam e agem no mundo. Portanto a “análise das representações cujos conteúdos nada mais são do que ideias de valor que uma determinada cultura elabora sobre os fenômenos da vida” (PORTO, 2006, p. 263).

Deve-se ainda levar em consideração que as representações sociais não devem ser abordadas a partir de um parâmetro normativo ou legal, mas tão somente como o efetivamente vigente no mundo social.

Nesse sentido, além de compreender as representações sociais que orientam a ação dos indivíduos, é importante analisar o *modus operandi* como elas se dão, ou seja, as interações simbólicas. De maneira sintética, Blumer (1980) considera que

O interacionismo simbólico baseia-se, em última análise, em três premissas. A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamenta-se nos significados que este lhes oferece. Tais elementos abrangem tudo o que é possível ao homem observar em seu universo – objetos físicos, como árvores ou cadeiras; outras pessoas, como mães ou balconistas de loja; categorias de seres humanos, como amigos ou inimigos; instituições, como escolas ou o governo; ideais norteadores, como independência individual ou honestidade; atividades alheias, como ordens ou solicitações de outrem -, além das situações com que o indivíduo se depara em seu dia-a-dia. A segunda premissa consiste no fato de os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por estes modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato. (BLUMER, 1980, p. 119)

Junto às representações sociais, principalmente, a premissa 2, o interacionismo denota a importância da interação entre os sujeitos para a constituição dos significados, das

representações. São nas interações que se operam as trocas simbólicas e a construção de novos símbolos. Portanto, é fundamental compreender como os indivíduos se relacionam, ou melhor, interagem entre si.

Sobre a emergência dos significados, o interacionismo simbólico

Não julga que o significado emana da estrutura intrínseca do elemento detentor de significado, nem pressupõe que o significado origina-se através de uma coalescência de fatores psicológicos no indivíduo. Antes, considera que o significado é produzido a partir do processo de interação humana. (...) o interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais, criações elaboradas em e através das atividades humanas determinantes em seu processo interativo. (BLUMER, 1980, p. 121)

O mundo social é um constante fluxo de interações entre os indivíduos que a todo o momento refletem e se posicionam diante determinados contextos e compartilha visões e contra visões. É nesse ambiente de interações, no caso em específico, principalmente a interação entre o familiar e o preso que se busca compreender o discurso dos familiares.

2.2. Teorias criminológicas

A sociologia, assim como as demais ciências, possui diversos departamentos e seções. A sociologia pode ser classificada pela forma como aborda os fatos sociais e também pelo objeto ou fenômeno analisado. No presente estudo, o modo como os fatos sociais são abordados já foram considerados no subitem anterior e, no presente subitem, será feita uma apresentação das principais teorias criminológicas que orientam o presente estudo e dos quais se extraíram algumas categorias analíticas para a análise dos dados. Entre as diversas teorias sobre o crime, o presente trabalho destaca três principais: Teoria da Aprendizagem, Teoria do Controle Social e Teoria do Rótulo.

Com relação à Teoria da Aprendizagem, Durante (2014) considera que

A Teoria da Aprendizagem, que defende que a realização do crime pode ter simplesmente como origem a imitação ou aprendizagem pelo criminoso do comportamento de outros indivíduos da sociedade ou do grupo social com quem ele convive. (DURANTE, 2014)

Percebe-se que a Teoria da Aprendizagem considera a importância da socialização e interação do indivíduo com um grupo desviante para que se torne desviante, ou seja, a

conduta desviante é uma conduta aprendida. Assim como se aprende a respeitar as leis, se aprende a desrespeitá-las,

O fator determinante que explica porque uma pessoa viola a lei é o significado que ela atribui para as condições sociais onde ela vive e não as condições por si só. (SUTHERLAND apud DURANTE, 2014)

Com relação à teoria do controle social,

a Teoria do Controle Social abre uma nova perspectiva de análise ao propor que as pessoas naturalmente não obedecem à lei. Neste contexto, os indivíduos cometem crimes devido ao enfraquecimento das forças que os controlam para não cometer crimes e não devido à existência de forças que os fazem cometerem crimes. (DURANTE, 2014)

A abordagem que a teoria do controle social fornece dá base para compreender a importância da coesão social do grupo, ou seja, em que medida os indivíduos estão socializados e se integram na rede de controle social. De acordo Nye apud Durante (2014),

Grande parte da delinquência resulta do controle social insuficiente, que reúne:

- Controles diretos impostos por meios de punição,
- Controles internos exercidos pela consciência,
- Controles indiretos resultantes de relações afetivas com parentes e amigos e
- A disponibilidade de meios legítimos para satisfazer necessidades.

(NYE apud DURANTE, 2014)

De maneira geral, a teoria do controle considera os mecanismos diretos, internos, indiretos e o ambiente para explicar o crime.

Por fim, a Teoria do Rótulo que entende que

(...) a forma como essas pessoas se vêem depende diretamente de como a sociedade as vê. (...) o significado que as pessoas atribuem a si mesmas (autoimagem) influencia em como irão agir, entretanto, a sociedade tem papel fundamental na formação da mesma. Assim, a partir do momento em que uma pessoa é rotulada como criminosa, essa característica passa a fazer parte da constituição de sua visão de si mesmo e conseqüentemente influenciará suas ações, além da forma como ela é encarada e tratada pela sociedade. A autoimagem seria, portanto, construída

socialmente e, em forma de estigma seria atribuída pelo indivíduo como algo realmente inerente à sua identidade. (SABARÁ, 2014)

De maneira geral, a teoria do rótulo destaca a importância da forma como a pessoa se identifica a partir da influência do grupo onde está inserido e como tal grupo é classificado socialmente. Essas estruturas de classificação e rotulação pressupõem tipos ideais de comportamento que o indivíduo, ao ser rotulado com alguma marca, tende a considerar que possui estas características. Como Durante (2014), aponta

As pessoas que foram rotuladas de criminosos se associam principalmente com outras que também foram rotuladas da mesma forma, tanto porque foram institucionalizadas juntas quanto porque os outros tipos de pessoas se recusam a associar com elas. (DURANTE, 2014)

2.3. Pesquisas com familiares dos presos

A sociologia da violência e criminalidade não é uma das principais áreas acadêmicas da sociologia brasileira. Apesar dos importantes trabalhos já resultados, é um campo de estudo em aberto, com muito que ser estudado ainda. Um exemplo disso são as pesquisas com os familiares dos presos.

No levantamento bibliográfico para a realização dessa pesquisa, não foram encontrados pesquisas que abordassem a visão dos familiares sobre os presos. As pesquisas realizadas com os familiares dos presos referem-se sempre a uma discussão normativa e legal sobre a relação da família no processo legal e na diminuição da pena e ressocialização do preso (FREITAS, 2008; LIRA, 2013; CAMPOS, 2011).

Interessante estudo foi realizado por Buoro (1998) acerca da percepção dos direitos humanos pelos familiares dos presos. Um importante achado dessa pesquisa se refere à maneira como a compreensão da situação do preso, por parte da família, se articula em torno da “cabeça fraca”, que segundo Buoro (1998)

A experiência dos familiares com a violência, a polícia e a justiça, ainda que específica, não é separada da experiência do conjunto da população da qual eles fazem parte. É nessa medida que podemos compreender como, mesmo diante de uma situação que os coloca no centro do dilema apresentado pela questão dos direitos de presos, este grupo de pessoas não questiona os mecanismos de exclusão que, como discutimos no início, estão vinculados à negação a esses direitos. É disso que se trata quando analisamos as estratégias de singularização e relativização que constroem sua interpretação da *cabeça fraca*. (BUORO, 1998, p. 80).

3. MÉTODO

O presente trabalho é uma breve pesquisa científica que busca abordar um problema específico, ou melhor, “uma situação necessitada de discussão, investigação, decisão ou solução” (KERLINGER, 2009, cap. 1), a fim de apontar algumas interpretações e correlações para contribuir com investigações mais profundas futuramente.

Importante destacar que a pesquisa aqui desenvolvida faz parte de um conjunto de pesquisas sobre a violência e criminalidade levado a cabo pelo Observatório Social Interdisciplinar (OSI) da UFV, que tem como coordenador o professor Dr. Marcelo Ottoni Durante. Até o momento já foram realizadas pesquisas com base nas estatísticas oficiais, aplicação de survey (pesquisa de vitimização) e entrevistas com os presos. A presente pesquisa realizou entrevistas com os familiares dos presos e, concomitantemente, estão sendo realizadas pesquisas sobre o capital social e relação com a criminalidade e também outra pesquisa sobre a história de vida daqueles que, vindo de condições similares dos presos, não optaram pelo caminho da criminalidade.

A seguir, apresentaremos uma discussão acerca da metodologia de pesquisa e em seguida uma apresentação e descrição sobre a realização da coleta de dados (entrevistas) e os procedimentos analíticos.

3.1. Referências metodológicas

Apesar da brevidade e das humildes pretensões do presente estudo, dá-se especial destaque para a discussão acerca dos métodos utilizados para o desenho, coleta e análise dos dados, por entender a importância dos procedimentos para a construção do saber científico. Alimenta essa preocupação a especificidade do conhecimento científico produzido no âmbito das ciências humanas que, sem aprofundarmos nessa discussão, integra uma arena muito mais conflituosa do que podemos supor dos conhecimentos integrantes da arena das ciências naturais.

O presente trabalho pode ser classificado em diferentes critérios binários. O primeiro deles é que se trata de uma pesquisa empírica, ou seja, é “guiado pela evidência obtida em pesquisa científica sistemática e controlada” (KERLINGER, 2009, p. 15). Em outras palavras, é um trabalho que vai a campo para a coleta de dados e não se limita a análise e revisão de literatura e dos discursos acerca de algo, sejam eles científicos ou não. Não se pretende com isso atestar a superioridade metodológica da pesquisa empírica, ao

contrário reconhecem-se as suas limitações e a diversidade de saberes (filosófico, popular, jornalístico, folclórico, religioso, etc), tal como nos termos de Kelinger (2009),

Por ser empírica, não significa necessariamente que uma afirmativa seja verdadeira. Se baseada em pesquisa científica e evidência, é mais provavelmente verdadeira do que uma afirmativa baseada inteiramente em crenças. Entretanto, pode ainda não ser verdadeira. (KELINGER, 2009, p. 16)

O propósito do presente trabalho é a teorização acerca de problema de pesquisa específico, ou seja, “a exposição sistemática das relações entre um conjunto de variáveis” (KELINGER, 2009). Essa compreensão vai de encontro ao que considera Chizzotti (2011) sobre o objetivo da pesquisa científica

[...] descobrir a lógica e a coerência de um conjunto, aparentemente disperso e desconexo de dados para encontrar uma resposta fundamentada a um problema bem delimitado. (CHIZZOTTI, 2011, p. 19)

Outra forma de classificar a presente pesquisa seria considerá-la em oposição à pesquisa quantitativa, ou seja, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Novamente, de acordo com Chizzotti (2011), a pesquisa qualitativa é

Um termo genérico para designar pesquisas que, usando ou não quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem. (CHIZZOTTI, 2011, p. 28)

É uma forma específica de coleta e tratamento dos dados e evidências empíricas que, diferentemente dos métodos quantitativos, valoriza o significado que orientam as percepções e condutas das pessoas em seu dia-a-dia, ou melhor, no mundo da vida. Sobre os procedimentos e orientação da pesquisa qualitativa, genericamente, Flick (2009) considera que

[...] a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção de construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo a questão em estudo. (FLICK, 2009, p. 16)

É preciso levar ainda em consideração, a distinção entre a pesquisa dedutiva e a indutiva no processo da pesquisa científica. De acordo com May (2004),

No processo de pesquisa, envolvemo-nos em trabalho empírico e coletamos dados que iniciam, refutam ou organizam as nossas teorias e, então, capacitam-nos a entender ou explicar as nossas observações. Tendo em mente as referências supracitadas a teorias “embasadas” e “grandes” teorias, podemos prosseguir para realizar isso, utilizando um dos dois caminhos. Primeiro, podemos considerar um quadro geral da vida social e, depois, pesquisar um aspecto particular dele para testar a força das nossas teorias. Isso é conhecido como *dedução*, onde a teorização vem antes da pesquisa. A pesquisa funciona, então, para produzir evidências empíricas para testar ou refutar teorias. Por outro lado, podemos examinar um aspecto particular da vida social e derivar as nossas teorias dos nossos dados. Isso é conhecido como *indução*. A pesquisa vem antes da teoria e procuramos gerar proposições teóricas sobre a vida social a partir dos nossos dados. (MAY, 2004, p. 47)

Em poucas palavras, a pesquisa *dedutiva* parte de concepções gerais que formatam a estrutura e o objeto de pesquisa além de estruturar uma hipótese que será testada. Por outro lado, a pesquisa *indutiva* está mais preocupada em coletar os dados gerais sem a preocupação de testar uma hipótese baseado em alguma teoria, ou seja, é um estudo exploratório de um campo.

Dentre essa classificação *dedução-indução*, é difícil categorizar a presente pesquisa. A pesquisa se embasou em algumas correntes teóricas, tanto na orientação paradigmática quanto em perspectivas analíticas de referência, que estruturam o formato e objeto de pesquisa, bem como a forma de coletar os dados (entrevistas), contudo, a ida a campo não pretendeu testar ou provar nenhuma hipótese. Em outras palavras, a teoria utilizada é uma referência para o tratamento e análise dos dados, mas o presente pesquisador esteve completamente aberto aos dados empíricos e buscou compreendê-los internamente e ao mesmo tempo correlacioná-los ao conhecimento teórico. Portanto, é nesse sentido que se coloca a dificuldade em se classificar a presente pesquisa, e entende-se aqui que exista uma mescla entre os dois procedimentos metodológicos.

Para finalizar, cabe ainda retomar a discussão sobre a orientação metodológica geral da pesquisa, ou melhor, do pesquisador. Reafirma-se que “o propósito básico da pesquisa científica é a teoria” (KERLINGER, 2009, p. 17). O reforço desse princípio metodológico é fundamental em se tratando de ciências humanas e também da relação próxima do pesquisador com o objeto de estudo.

3.2. Método de coleta dos dados: entrevistas e amostragem

Para a coleta de dados optou-se pela realização de entrevistas com familiares por compreender que estas “geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas” (MAY, 2004, p. 145).

Ainda segundo May (2004, cap. 6), as entrevistas podem ser classificadas em três tipos: (i) estruturada (utilizadas em surveys), (ii) semi-estruturada (perguntas direcionadas e específicas, porém abertas) e (iii) não estruturadas ou focalizadas (perguntas gerais e respostas abertas). Para esta pesquisa foram realizadas entrevistas não estruturadas, pois “ela provê profundidade qualitativa ao permitir que os entrevistados falem sobre o tema nas suas próprias estruturas de referência” (MAY, 2004). Ainda de acordo com May (2004),

[...] esse método é caracterizado pela *flexibilidade* e pela descoberta do significado, ao invés da padronização ou de uma preocupação em comparar limitando as respostas com um esquema de entrevista estabelecido. (MAY, 2004, p. 150).

Evidente que, mesmo em se tratando de uma entrevista não estruturada, teve-se a preocupação em se formatar um roteiro de entrevista, construído com base nas teorias criminológicas. Contudo, havia uma maior liberdade tanto do entrevistado em interpretar e responder as perguntas, quanto do entrevistador em sua forma de perguntar e explorar as respostas. Acima de cumprir metodicamente o roteiro de entrevista, buscava-se principalmente compreender como os entrevistados percebiam e entendiam que os seus familiares tinham chegado até aquela situação, ou melhor, o que levou o seu filho(s), namorado(s), irmão(s), enfim, parente(s), de cometer crimes e, em decorrência disso, ser preso. O roteiro foi um guia para os entrevistadores orientarem a conversação.

Com relação ao procedimento durante a entrevista, May (2004) chama atenção para o cuidado da influência do entrevistador no direcionamento das respostas do entrevistado (faz o entrevistado falar aquilo que “quer” ouvir); para a importância no entendimento entre entrevistador e entrevistado (mútua compreensão) e para a motivação da entrevista (entrevistas chatas e enfadonhas tendem a cansar e desestimular, principalmente, o entrevistado). O autor ainda considera que

O estabelecimento de relação amigável nas entrevistas focalizadas é de importância suprema, dado que o próprio método é desenhado

para possibilitar o entendimento das perspectivas do entrevistado.
(MAY, 2004, p. 156)

As entrevistas não estruturadas precisam levar em consideração o distanciamento metodológico entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, contudo, em se tratando de um método que visa extrair informações subjetivas de um sujeito, é importante a boa relação entre os dois para o bom desenvolvimento da pesquisa.

A amostragem em pesquisa qualitativa é diferente do cálculo amostral em uma pesquisa quantitativa. Em primeiro lugar, deve-se considerar que a pesquisa qualitativa busca obter dados com um substantivo grau de subjetividade dos indivíduos e que, para tanto, se gasta mais tempo, tanto na coleta quanto na análise. O fator tempo, portanto, é um dos primeiros limitadores da pesquisa qualitativa.

Nesse sentido, o importante da pesquisa qualitativa não é obter dados representativos de uma população, mas encontrar a diversidade subjetiva da mesma. Sobre a amostragem, Flick (2009) considera que “torna-se relevante à medida que é orientada a abrir espaço para a diversidade no processo de pesquisa” (FLICK, 2009, p. 46).

3.3 Métodos de análise das entrevistas: análise do discurso

Sobre a análise de dados qualitativos, primeiramente, é necessário compreender as considerações de May (2004) sobre os dados extraídos em entrevistas

[...] os dados derivados das entrevistas não são simplesmente peças de informação “precisas” ou “distorcidas”, mas fornecem ao pesquisador meios de analisar os modos pelos quais as pessoas percebem os eventos e as relações e as razões que oferecem para assim fazê-lo. (MAY, 2004, p. 172)

Deve-se compreender as respostas dadas nas entrevistas como evidências analíticas que precisam ser compreendidas internamente e, ao mesmo tempo, consideradas em seu devido contexto. Esse é o papel da análise das entrevistas. Acerca do modo de proceder a análise de dados qualitativos, Chizzotti (2011) distingue diferentes maneiras de proceder: análise de conteúdo, análise do discurso e análise de narrativas que seriam

modalidades de interpretação de textos que, apoiando-se em diferentes orientações filosóficas, propõem formas de análise fundamentadas nas diversas teorias lingüísticas, na semiótica, na hermenêutica, no estruturalismo, no pós-estruturalismo, no

interacionismo e na análise da conversação, a fim de se extrair significados expressos ou latentes de um texto. (CHIZZOTTI, 2011, p. 113)

Para os objetivos desta pesquisa compreende-se que a análise de discurso é a mais apropriada, pois

A análise do discurso pressupõe que tal discurso não se restrinja à estrutura ordenada de palavras, nem a uma descrição ou a um meio de comunicação, nem tampouco se reduz à mera expressão verbal do mundo. O discurso é a expressão de um sujeito no mundo que explicita sua identidade (quem sou, o que quero) e social (com quem estou) e expõe a ação primordial pela qual constitui a realidade. (CHIZZOTTI, 2011, p. 120)

Nesse sentido, os dados levantados nas entrevistas serão considerados não em seu sentido léxico ou lingüístico, mas em seu sentido social e simbólico, uma interpretação acerca do problema pesquisado. Importa, também, compreender as relações entre esses diferentes discursos, as suas diferenças e similaridades, de modo a conseguir extrair um discurso geral dos familiares entrevistados sobre os seus parentes presos.

Para levar a cabo esse empreendimento é importante que se mencione a importância das metodologias informacionais que auxiliam o desenvolvimento da pesquisa em todas as etapas seja para: pesquisa bibliográfica, edição de textos, gravação das entrevistas e análise de dados. Dos Santos destaca o papel das novas tecnologias da informática e seu impacto nas ciências sociais e considera que

[...] a lógica da interpretação sociológica foi revolucionada pelos movimentos fractais da inferência informacional: multidimensional, operando mediante combinações de espaço-tempo interativas, misturando formas expressivas – a multimídia – e visualizando seus objetos de investigação a partir de distintas perspectivas em alternados níveis de aproximação – o hipertexto. (DOS SANTOS, 2001, p.131)

Até o presente momento apresentou-se as considerações e perspectivas metodológicas que guiaram a presente pesquisa. Na próxima seção será tratado de como, de fato, se deu a operacionalização da pesquisa e dificuldades encontradas no campo.

3.4. Operacionalidade da pesquisa

Foram realizadas 10 entrevistas com diferentes familiares de presos, sendo 6 mulheres e 4 homens, no Presídio de Viçosa. O perfil dos entrevistados é descrito abaixo:

<p>Entrevistada 1: Mulher, casada, 57 anos, tem 2 filhos, cursou o Ensino Fundamental (incompleto), mora em Viçosa, católica e seu filho foi condenado por roubo a mão armada. Está no presídio desde 12/11/13. Seu filho é reincidente e tem envolvimento com drogas tanto como usuário como aspectos ligados ao tráfico;</p>
<p>Entrevistada 2: Mulher, amasiada, 29 anos, tem 1 filha, cursou até a 6ª série do Ensino Fundamental, trabalha como pedi cure / manicure, mora em Viçosa, religião católica e seu amasio foi condenado por 5 anos e 10 meses por tráfico de drogas. Está no presídio desde 02/10/13. Seu amasio é reincidente e tem envolvimento com drogas em aspectos ligados ao tráfico;</p>
<p>Entrevistada 3: Mulher, separada, 39 anos, tem 2 filhos, cursou o Ensino Fundamental (incompleto), atualmente desempregada, mora em Viçosa, não tem, religião católica e seu filho aguarda julgamento por homicídio. Está no presídio desde 18/12/13. Seu filho é reincidente e tem envolvimento com drogas como usuário;</p>
<p>Entrevistada 4: Mulher, casada, 42 anos, tem 3 filhos, cursou o Ensino Fundamental (incompleto), trabalha como doméstica, mora em Viçosa, religião católica e seu filho estava como preso provisório por porte de arma. Em sua última passagem pelo presídio ficou de 30/12/13 a 17/10/14, observando que o mesmo saiu no dia 17/10/14 e foi brutalmente assassinado em 26/10/14. Seu filho é reincidente e tinha envolvimento com drogas tanto como usuário como aspectos ligados ao tráfico;</p>
<p>Entrevistado 5: Homem, amasiado, 37 anos, tem 5 filhos, cursou o Ensino Fundamental (incompleto), mora em Viçosa, evangélico e seu filho foi preso por roubo a mão armada. Está no presídio desde 15/07/14. Seu filho é reincidente e tem envolvimento com drogas como usuário;</p>
<p>Entrevistado 6: Homem, casado, 61 anos, tem 1 filho, cursou o Ensino Fundamental (incompleto), aposentado, mora em Viçosa, evangélico e seu filho foi preso por roubo a mão armada. Está no presídio desde 18/08/14. Seu filho é reincidente e tem envolvimento com drogas como usuário. Seu filho é reincidente e tem envolvimento com drogas como usuário;</p>
<p>Entrevistado 7: Homem, viúvo, 81 anos, tem 6 filhos, cursou Ensino Fundamental (incompleto), aposentado, mora em Belo Horizonte e São Miguel do Anta, religião católica e seu neto foi condenado por furto. Está no presídio desde 08/06/14. Seu neto é reincidente e tem envolvimento com drogas como usuário;</p>
<p>Entrevistada 8: Mulher, amasiada, 23 anos, tem 1 filho, cursou o Ensino Médio, atualmente desempregada, mora em Viçosa, religião católica e seu amasio foi condenado por tráfico de drogas. Está no presídio desde 30/08/13. Seu amasio é reincidente e tem envolvimento com drogas com aspectos ligados ao tráfico;</p>
<p>Entrevistada 9: Mulher, solteira, 53 anos, tem 3 filhos, cursou o Ensino Fundamental</p>

(até 3ª série), aposentada por invalidez, mora em Viçosa, religião católica e seu **filho** esta preso por roubo a mão armada. Está no presídio desde 03/10/14. Seu filho é reincidente e tem envolvimento com drogas como usuário;

Entrevistado 10: Homem, casado, 53 anos, tem 4 filhos, cursou até Ensino Fundamental (incompleto), trabalha como faxineiro, mora em Viçosa, religião católica e seu **filho** foi preso por roubo a mão armado. Está no presídio desde 07/07/14. Seu filho é reincidente e tem envolvimento com drogas como usuário;

Tabela 03. Perfil dos entrevistados.

As entrevistas foram realizadas no período da manhã, as terças-feiras e quintas-feiras quando parte dos familiares dos presos se deslocam até o presídio para entregarem alimentos e produtos de higiene pessoal aos seus parentes reclusos. Não que o presídio não forneça estes itens de alimentação e higiene pessoal aos presos, pois acontece o fornecimento de partes destes itens, considerados básicos, ao darem entrada na unidade e ao longo de sua estadia conforme escala e normas internas. Partes dessas entrevistas foram realizadas nos seguintes espaços físicos da unidade prisional, na sala da portaria e nos alojamentos masculino e feminino dos agentes prisionais, localizados na entrada da unidade prisional.

Durante as entrevistas, estavam presentes apenas o entrevistador e o entrevistado na sala. Todas as entrevistas foram gravadas e estão disponíveis no link nas referências bibliográficas.

Contribuiriam na realização e transcrição das entrevistas os discentes da disciplina Sociologia da Violência e Criminalidade. O presente autor não realizou entrevistas por entender que poderia comprometer a amostra, uma vez que é funcionário do presídio, na função de (agente prisional), e poderia ensejar desconfiança nos entrevistados sobre os propósitos da pesquisa.

Como uma das dificuldades encontradas durante a realização das entrevistas, é que por ser em dia de semana e em horário comercial, a maioria dos familiares dos presos estavam em horário de trabalho, sendo que alguns não puderam contribuir de forma alguma, devido a pressa em entregar a alimentação e os produtos de higiene pessoal no presídio, em função de seus compromissos de trabalho e rotineiros, a fim de retornarem rapidamente a seus postos de serviço. Não realizamos as entrevistas em dia de visitaçao, uma vez que poderia atrasar os visitantes no encontro com seus parentes presos, bem como o retorno a seus lares, uma vez que a maioria depende de transporte público e se deslocam até lá de cidades vizinhas. Também sentimos a necessidade de um local mais reservado

para a realização das entrevistas, para que os ruídos não atrapalhassem o áudio durante a realização das gravações. Julgamos importante para uma nova abordagem neste tipo de trabalho a padronização de alguns procedimentos e ações, na coleta, no processamento e análise de dados dentre outros.

4. ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS

Na presente seção as entrevistas serão apreciadas em sua estrutura e lógicas internas. As entrevistas, apesar de seguir um roteiro semi-estruturado, possuem muitas discontinuidades e, para facilitar a análise, elas foram codificadas em alguns “nós”. Em cada “nó” foram associadas as diferentes falas e perspectivas dos familiares independente da ordem e das perguntas que pretendiam responder.

Os subitens abaixo corresponde à três grandes momentos: (1º) visão e relação entre o preso e a família, em especial a integração entre estes e o comportamento do preso, (2º) entrada do preso para o a vida das drogas e do crime e (3º) impacto da prisão na família e as expectativas com relação ao futuro.

4.1. VISÃO DO FAMILIAR SOBRE O PRESO: relação, integração e comportamento

4.1.1. Personalidade do preso

O termo personalidade designa um complexo de atributos emocionais e de comportamento que tendem a permanecer relativamente constante mesmo quando o indivíduo muda de situação.

De acordo com a (Teoria da Diferença Individual) abaixo, uma das características individuais que estão associadas a uma maior probabilidade do indivíduo cometer crimes,

Personalidade como impulsividade, insensibilidade, orientação não verbal e física e a tendência para se arriscar. (DURANTE, 2014)

-Entrevistadora: Como é a personalidade dele?

-Ele é uma ótima pessoa, um coração... (Entrevista nº 01)

-É uma pessoa tranquila. (Entrevista nº 02)

-Ih... calmo, tranquilo... (Entrevista nº 03)

-É tranquilo quando tá trabalhando e tudo. Quando tá à toa ai que vem os problemas. Quer dinheiro, quer isso, quer aquilo, entendeu? (Entrevista nº 06)

-O negócio dele é que ele é muito nervoso, ele não aceita conselho. A gente vai dar conselho pra ele e ele quer bater na gente. (Entrevista nº 07)

-Ele é um pouco nervoso né, a gente vai conversar com ele, ele já começa a falar mais alto. (Entrevista nº 09)

Estes fragmentos ilustram bem a visão da família sobre o seu parente preso, deixando clara a frouxidão das regras em certos casos, mas nos chamam atenção também, como indivíduos tidos como calmos, tranquilos, de bom coração, se envolvem com certos tipos de ações delituosas.

-É que, quando ele bebe ele fica agressivo né? Quando ele usa droga ele fica muito violento, mas sem droga... Eu saia para trabalhar, saia para comprar as coisas para dentro de casa, ele que dava banho no meu menino (*criança de 1 ano e 8 meses*). (Entrevista nº 03, grifo nosso)

Este fragmento demonstra como a personalidade deste preso oscilava em graus extremos.

4.1.2. Escolaridade e capital cultural

Primeiramente, com relação à escolaridade dos familiares e dos presos, pode-se observar na tabela abaixo que a maioria possui uma escolaridade muito baixa. Muitos familiares, principalmente os pais, mães e avós, argumentaram sobre a dificuldade de estudar que era no seu tempo. Contudo, com relação aos seus filhos e netos, não houve este tipo de justificativa e o que sobressaiu disso é que foi devido ao próprio desinteresse dos presos em não continuar os estudos regulares: nenhum dos familiares associou a baixa escolaridade dos presos às dificuldades econômicas ou de acesso à educação.

Escolaridade	Presos	Familiares
Médio (completo)	1	1
Médio (incompleto)	1	1
Fundamental (incompleto)	8	8

Tabela 04. Escolaridade dos presos e familiares

Como podem ser observados na nuvem de palavras, no discurso dos familiares sobre a educação dos presos, os termos mais presentes foram: estudou, nada, você, série, coisas, nenhum, podia, tava, experiência, aqui etc. Evidente que tais termos não dimensionam totalmente o que foram as pessoas, mas são importantes para apreender uma visão geral dos discursos.

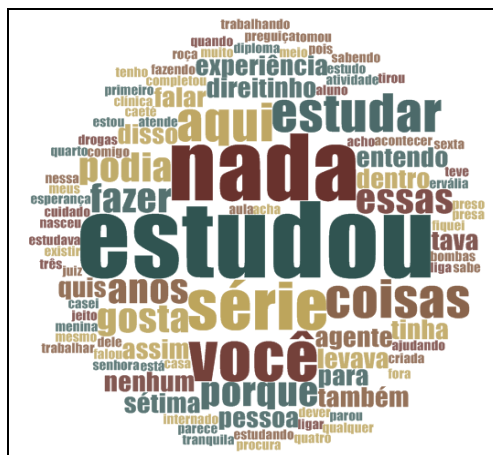


Figura 01. Nuvem de palavras sobre capital cultural

Ainda sobre a escolaridade dos presos, ficou evidente, em alguns casos mais do que outros, a pouca preocupação e acompanhamento educacional dos familiares com relação aos presos. Em muitas falas não se sabia exatamente até onde o filho, neto ou amasio haviam estudado como podem ser vistos em trechos das falas abaixo:

- Entrevistadora: E, ele parou de estudar em que série?
- Entrevistada: Ai menina, eu não sei porque ele estudou em Juiz de Fora.
- Entrevistadora: Lá nessa clínica né?
- Entrevistada: É.. Eu não sei se até o quarto ano..(Entrevista nº 03)
- Eu acho que até a sétima série. (Entrevista nº 05)
- Ele estudou me parece, até a 6º série. (Entrevista nº 06)

Essa pouca preocupação dos familiares com relação ao estudo e a baixa escolaridade desses se reflete na baixa escolaridade dos presos, como já foi visto, e também no desinteresse desses pela escola.

- Faz nada. Faz nada. Não quis estudar, não quis fazer nada. Podia ta trabalhando, ajudando né? Mas num faz nada.(Entrevista nº 04)
- Tem esperança de conseguir. Porque estudar ele não gosta não, de jeito nenhum e nem atividade ele gosta de fazer, mas trabalhar ele gosta. (Entrevista nº 09)
- Ele era, só tinha preguiça de estudar. Fazer dever assim ele era meio mole. Tomou nos últimos anos que ele estudou três bombas. (Entrevista nº 10)

A partir disso tudo, não é interessante (e mesmo correto) fazer uma associação direta entre o comportamento criminoso dos presos e a sua baixa escolaridade e dos pais também. Existe uma relação de fundo, que será explorado no restante do trabalho, em que

podemos compreender a escolaridade apenas como um indicador. Em outras palavras, a baixa escolaridade está associada a outros fatores, como o coleguismo e a cabeça fraca que, no discurso dos familiares, são mais determinantes para o comportamento criminoso dos presos.

Outro aspecto que pode ser apontado em relação ao capital cultural é o desnível, ou melhor, o descompasso entre os diferentes capitais adquiridos pelos familiares em contextos diferentes daqueles onde o preso cresceu. Em outras palavras, notou-se que o conjunto de códigos e valores morais que alguns familiares possuíam tinha descompasso com o contexto em que os filhos cresceram e nesse sentido, havia um desconhecimento acerca da realidade vivenciada pelos filhos. Esse ponto será mais bem explorado no item “fricções geracionais”, mas para ilustrar temos os seguintes casos,

- Por mais que a gente fique de olho, mas assim, quando ele começou a entrar por esses caminhos de drogas, de usar drogas, *eu que era uma pessoa da roça, que não tinha experiência de nada da que podia acontecer essas coisas de drogas, porque eu vim pra cá, casei, vim pra cá, fiquei presa dentro de casa, sem experiência com essas coisas né?* Fui criada assim, é... (não) Sabendo que ia existir essas coisas. (Entrevista nº 01, grifo nosso)

- *Eu vou falar para você, eu não tenho estudo é nenhum.* Eu estudei quando eu morava na roça, eu estudei lá até 1 ano. Tirei o primeiro ano, mal. Primeiro ano mal na roça. Depois disso eu não estudei mais não. Mas hoje tem até uma facilidade para estudar. (Entrevista nº 10, grifo nosso)

As diferenças de capitais culturais afetam não somente na criação dos presos, mas também no relacionamento entre os familiares e o sistema jurídico. Alguns familiares não sabiam exatamente o tempo de prisão dos familiares, quando estes poderiam sair e adquirir liberdade condicional (e se podiam) e, como pode ser visto abaixo, até o relacionamento com o advogado é dificultado por essa condição de capitais culturais distintos.

- Nada, liga para ele [advogado], não da esperança, não procura, se você for lá, você não acha ele, se você ligar ele não te atende, e eu não entendo disso, qualquer coisa que ele falar lá, da no mesmo, pois eu não entendo nada disso. (Entrevista nº 02)

Diferentes capitais culturais são exigidos para diferentes campos. No caso presente, percebeu-se que um grau de descompasso dos capitais dos familiares ao campo jurídico/institucional, e ao contexto urbano, ou a vida cidadina.

4.1.3. Fricção geracional

Durante a análise das entrevistas foi possível compreender que existe, para os familiares, um conflito geracional entre os pais e avós e os presos. Conselho foi o termo mais utilizado nestas falas. A reclamação era de que os presos, no caso filhos e netos, não seguiam os conselhos dos mais velhos e, por vezes davam mais atenção às ideias dos colegas da rua. Os trechos abaixo demonstram essa situação,

- Como se diz, a mãe dá muito conselho, se os filhos pegassem os conselhos, também da mãe, o mundo seria muito bom. Porque a mãe só dá conselho bom, não existe mãe que dá conselho errado para o filho. (Entrevista nº 02)
- A vivência era mais ou menos, mais ou menos né, não é de sempre tranquilo por que a gente corrige e eles não aceitam. Eles querem achar que sabe tudo que é homem e acha que pai é, "Pai é um babaca um velho". Então o principal de tudo ai é desobediência. (Entrevista nº 06)
- [...] ele não aceita conselho. A gente vai dar conselho pra ele e ele quer bater na gente. (Entrevista nº 07)
- a gente conversa, conversa mais não tem jeito (Entrevista nº 09)

Essa situação denota uma dificuldade no diálogo entre os mais velhos e os filhos e netos. Para, além disso, existe mais uma vez, a grande influência dos amigos e colegas de rua no comportamento dos jovens. De acordo com um dos pais entrevistados (nº 05), quando está com o filho ele até presta atenção e concorda com o ele, contudo, quando está próximo dos amigos o comportamento dele é outro.

- Ah... Quando ele tava morando lá com o Felipe, quando eu conversava com ele, eu sei que na hora que eu conversava com ele, eu sei que ele tava prestando atenção, ele tentava entender o que eu tava falando com ele. Ele abaixava a cabeça, olhava pra mim assim, tinha vez que escorria água do olho dele. Só que o seguinte, assim que os outros colegas chegavam ele já mudava, então era mais amizade. Porque quando eu tava conversando com ele eu via que ele tava prestando atenção, só que quando juntava com os amigos... (Entrevista nº 05)

Os comportamentos dos indivíduos variam de acordo com as situações e os agentes envolvidos nesta, tal como considerado pelas correntes teóricas do interacionismo simbólico. Nesse sentido, fica mais evidente que é na associação ao grupo delinvente que as ações desviantes se tornam significativas ao indivíduo.

O subgrupo não apenas associa para a ação, ou melhor, torna a ação significativa,

conquanto também contribui para a constituição de valores que orientam a vida dos indivíduos que fazem parte dele. O entrevistado nº 06 percebe essa relação de atrito entre a educação familiar e a educação do mundo da rua, em que nessa disputa os valores postos pela família são desestruturados.

- Por que infelizmente a coisa que agente mais faz com filho é isso, você dá educação, você ensina as coisas conforme deve ser, mas infelizmente, "problema" maior é este, através de colega na rua. (Entrevista nº 06)

- Eles começam a encher a cabeça das pessoas depois infelizmente passa a usar essas porcarias e não obedece ninguém. Entendeu? (Entrevista nº 06)

Outro ponto muito destacado pelos familiares e que se relaciona com o que foi dito acima é o período da adolescência. O período da adolescência é o período da constituição da autonomia do jovem, de maiores liberdades e responsabilidades. Pela fala dos familiares, pode-se compreender que é uma fase em que os jovens sentem que possuem mais poder e autonomia e passam a confrontar os interesses dos pais e avós, pois já são “maiores de idade” e não precisam “prestar contas para ninguém”.

- Dos dezesseis, dezessete começou a responder e tal e achar que é homem. Que é a fase danada. De dezesseis, dezessete pra dezoito: "fiz dezoito anos" é uma fase danada. Infelizmente apareceu um tio dele lá que... Soprou uma conversa errada no ouvido dele. (Entrevista nº 06)

- Entrevistadora: A senhora já foi chamado por algum professor por causa de comportamento?

- Entrevistada: Fui, depois que ele entrou na adolescência, antes não... depois que ele entrou na adolescência que começou a me chamar.

- Entrevistadora: E eles chamavam por que?

- Entrevistada: Ah, porque ele respondia, fazia bagunça na escola né... era agressivo. (Entrevista nº 09)

- Ele ficava naquela: “Não, tem problema não, eu sei o que eu estou fazendo, eu sou de maior”. E não é que caiu. (Entrevista nº 10)

Nesse sentido, com relação à fricção geracional, ou melhor, a relação entre os mais velhos (pais e avós) e os mais novos (filhos e netos), para os primeiros estes possuem dificuldades em escutar e acatar os conselhos e acabam se envolvendo e escutando mais os amigos da rua e moldando o seu comportamento de acordo com aquele grupo. Foi notado também, pelos familiares, que a fase da adolescência foi quando os presos começaram a

mudar e a aceitar menos e até confrontar os conselhos dos pais e avós.

4.1.4. Emprego e trabalho

Importante destacar o forte rótulo negativo sobre aqueles que cometeram crimes, seus familiares relatam e reclamam da dificuldade que os ex-presidiários encontram após pagarem sua pena de serem reintegrados ao mercado de trabalho.

O rótulo de criminoso se sobressai diante de todos os outros rótulos que a pessoa possui e a pessoa passa a ser para todas as outras pessoas um criminoso. Esta pessoa é então forçada a agir criminalmente seguindo o estereótipo de criminoso. (DURANTE, 2013)

Pelo teor das entrevistas, percebe-se que os presos demonstram pouca resistência ao trabalho, o que se observa são as pouquíssimas oportunidades no mercado de trabalho local, ficando mais no nível da informalidade.

- Entrevistadora: De que forma ele se referia a atividade profissional ?
- Mas aqui em Viçosa, parece que eles não dão muita oportunidade para as pessoas que fica presa pra trabalhar... Difícil demais. Meu outro filho esta em Congonhas, vai ver se consegue emprego, em Congonhas, lá ele tem indústria sabe?, tem muito serviço, vamos ver se ele consegue, quando ele sair daqui. (Entrevista nº 01)
- Trabalhava antes de carteira assinada, a empresa faliu e ele ficou desempregado, acredita que aí que veio o problema das drogas. (Entrevista nº 02)
- Ele "tava" trabalhando de bico. Sempre aparecia serviço, mas tem hora que não aparece porque infelizmente é isso, né?! Termina um serviço até arranjar outro. (Entrevista nº 06)

Como expõe Alvim (2006)

Está claro para todos que o sistema penitenciário desse país passa por uma crise. Urge, portanto que se busquem alternativas para que os infratores possam ser recolhidos em instituições capacitadas que tratem o interno como um ser humano que errou e deve refletir sobre seus atos para que não mais os pratique em desacordo com a lei e, dessa forma, possa ser reincorporado à sociedade. (ALVIM, 2006)

De acordo com a LEP (Lei de Execução Penal), todos os presos condenados devem trabalhar. É preciso notar, porém, que as obrigações legais com relação ao trabalho

prisional são recíprocas: os detentos têm o direito de trabalhar e as autoridades carcerárias devem, portanto, fornecer aos detentos oportunidades de trabalho. Apesar das determinações legais, as atividades laborais e os cursos profissionalizantes estão longe de ser uma realidade, os estabelecimentos penais do país não oferecem oportunidades de trabalho suficientes para todos os presos.

O estigma de cometer um delito acompanha o ex-detento por toda a vida e geralmente chega ao ouvido dos futuros patrões, inviabilizando a possibilidade de trabalho. Como discute Camargo (2014), a falta de oportunidades reserva basicamente uma única opção ao ex-presidiário: voltar a infringir a lei quando retorna ao convívio social. Como se a sociedade o empurrasse novamente para o mundo do crime. Há um preconceito de toda a sociedade. Isso tudo, sem dúvida, torna muito pouco provável a reabilitação. Triste realidade. Todavia, é preciso oferecer perspectiva de futuro ao preso, caso contrário, os presídios vão seguir inchados de reincidentes, uma vez que levará a miséria à família do detento, caso não consiga reinserção no mercado de trabalho, após ganhar a liberdade.

A laborterapia, como discute Prudente (2014), trata-se de ocupar o tempo fazendo uma atividade profissional. Poderão os detentos desenvolver atividades que variam da manutenção do presídio, panificação, cozinha e faxina, até atividades como a confecção de bolas, caixões e outras tantas atividades mais que possam ser desenvolvidas dentro dos presídios.

Pois como afirmam a maioria dos familiares entrevistados, a mente vazia, o ócio, que induz ao cometimento de ideias delituosas.

- Entrevistadora: De que forma ele se referia a atividade profissional ?

- É tranquilo quando tá trabalhando e tudo. Quando tá atoa ai que vem os problemas. Quer dinheiro, quer isso, quer aquilo, entendeu? Muitas vezes agente não tem mais mesmo assim ele, eles acham que não tem eu vou me virar por minha conta e fazer "palhaçada" coisa errada ai dança. (Entrevista nº 06)

A falta de ocupação da mente em algumas horas acaba produzindo pensamentos desnecessários e negativos, temos alguns exemplos, relatados por discursos informais de funcionários do Presídio de Viçosa, que aqueles presos que trabalham tendem a não pensar em fugir, enquanto aqueles que nada fazem, ficam pensando em como fugir o tempo todo.

4.1.5. Clínicas

De acordo com parte de nossas entrevistas, alguns familiares presos já passaram por clínicas de reabilitação, por mais de uma vez, para buscarem recuperação dessa verdadeira epidemia, que o mundo das drogas proporciona, invadindo os lares brasileiros sem pedir licença, sendo capazes de destruir qualquer tipo de relação em família, retirando o indivíduo de forma violenta do convívio comum e amistoso com seus familiares.

Os resultados descritos pelos familiares, não apontam resultados imediatos, ou significativas recuperações, muito pelo contrário em alguns relatos, apontam até mesmo piora no quadro do paciente submetido a este tipo de tratamento.

- Entrevistadora: Ele já foi internado em Clínica de Reabilitação ?
- Já, três vezes. Ele ficou em Lafaiete, Juiz de Fora, Caeté. Quando ele fez seus quinze anos pra cá ele... mas assim... ficava mais tranquilo um tempo e aí começava de novo, aí internava de novo. (Entrevista nº 05)
- Foi aí que eu tive certeza que ele tava usando maconha. Aí eu falei que ia internar ele antes que começasse com droga pesada, mas é estranho porque a gente internou ele lá em Lafaiete, e eu sei que tinha pouco tempo que ele tava usando maconha, e depois que internou ele ficou pior. (Entrevista nº 05)
- Ah, é uma clínica que, ele foi preso, com 15 anos, aí mandou para essa clínica, foi porque ele tinha me ameaçado. (Entrevista nº 03)

A Entrevista nº 05 ilustra bem o desespero de um pai ter certeza que o seu filho estava fazendo uso de droga, restando somente como última saída a internação em clínica de reabilitação, acreditando ser a melhor forma de recuperação deste, apesar de descrever a ineficiência desse tratamento no caso de seu filho.

- Entrevistadora: Ele foi internado por que?
- Por causa de drogas né, reabilitação né?
- Entrevistadora: Isso foi aonde isso?
- Lá em Caeté.
- Entrevistadora: E ele ficou quanto tempo internado?
- Ficou mais de anos.
- Entrevistadora: Com quantos anos ele foi pra clínica?
- Eu acho que ele tava com... 16, 17 anos.
- Entrevistadora: E quando ele voltou você viu alguma diferença?
- Não, quando ele voltou ele tava tranquilo. (Entrevista nº 09)

No caso da Entrevista nº 09, a mãe relata que seu filho quando retornava da clínica, após diversas internações, aparentava estar mais tranquilo, mas interpretamos certa

contradição em seu depoimento, por que como seu filho estaria mais tranquilo se voltou a cometer atos delituosos, com o fim de adquirir drogas, logo após deixar a clinica.

4.2. ENTRADA NO CRIME: visão dos familiares dos fatores que levaram seus parentes a cometerem crimes e serem presos

4.2.1. Coleguismo

Um dos fatores que levaram os presos à cometerem crimes, mais citados pelos familiares entrevistados foi a influência dos amigos, ou melhor, dos colegas de rua, o que foi denominado por um deles como coleguismo. No geral, o discurso tem a mesma lógica: a entrada no mundo das drogas e do crime se dá por associação com pessoas que já estão inseridas nesse meio e que estavam mais próximos dos presos na sua juventude, os colegas de rua e de escola.

- O problema de Adalto mesmo foi a influência de amizade mesmo, se não fosse... Eu falava com a mãe dele pra não deixar ele ficar rodando muito, sabe, porque ele ia pra casa de amigo e essas coisas e eu lembro que ele tava indo muito na casa do primo dele Lucas. O Lucas não mexe com nada errado. Mas eu sei o seguinte, que ele falava que ia dormir na casa de amigo dele, e ele não ia dormir na casa de amigo, ele ia pra outro lado. (Entrevista nº 05)

- Eu sempre tive que trabalhar, o pai dele também. E ele ficava praticamente mais na rua, né? Com os amigos. A gente saía e ele aproveitava. (Entrevista nº 04)

- Aí começou a envolver com colegagem e tal e avacalhou o trem todo. (Entrevista nº 06)

- Olha, eu vou te falar com você, a única coisa que leva para o mau caminho é coleguismo. (Entrevista nº 07)

- Engraçado que é um vizinho meu. Vizinho porta a porta meu. Eu falei com minha mulher: “esse rapazinho vem aqui todo dia e chama o William, isso não vai dar certo não. Tem que olhar o que esses meninos estão aprontando. Minha mulher dizia que tinha confiança com eles porque era vizinho de porta a porta e por isso eu não entrei não. No final o próprio vizinho levou ele pro mal caminho. (Entrevista nº 10)

Como se pode ver, os colegas são identificados como os principais responsáveis pelo desvirtuamento dos presos. É a generalidade em todos os discursos. Nisso acaba-se que se exime, em partes, a culpa dos próprios presos, pois como já foi dito, os familiares acabam os vendo como boas pessoas, de coração bom, mas de cabeça fraca. Vemos aqui, novamente, a associação entre coleguismo, cabeça fraca e drogas e crimes.

- Mas os colegas dele também, fazia a cabeça e coisa, ele não parava no emprego... Não parava. (Entrevista nº 01)
- Entrevistadora: Quando ele saiu assim, e voltou pra casa da senhora, ele mudou de comportamento...?
- Entrevistada: É, ele tava mais tranquilo, ficava mais em casa...
- Mas depois os coleguinhas “chegou”, chamou... (Entrevista nº 09)
- Engraçado que é um vizinho meu. Vizinho porta a porta meu. Eu falei com minha mulher: “esse rapazinho vem aqui todo dia e chama o William, isso não vai dar certo não. Tem que olhar o que esses meninos estão aprontando. Minha mulher dizia que tinha confiança com eles porque era vizinho de porta a porta e por isso eu não entrei não. No final o próprio vizinho levou ele pro mal caminho. (Entrevista nº 10)

Dito de outra forma, os familiares percebem, como um dos fatores mais fortes, as influências externas que cooptam os seus parentes para as drogas e o crime, que se deixam influenciar por terem cabeça fraca.

- Ele não podia juntar com as turminhas, igual eu falei cabeça fraca isso que dá. Aí junta com a turma, não consegue falar não e cai na cilada. (Entrevista nº 03)
- O problema maior foi que quando ele mudou lá pro colégio lá em baixo na rua onde nós morávamos lá em Belo Horizonte, frequentava um colégio mais graduado aí entra gente de todo tipo e infelizmente ele não firmou, não segurou a peteca. (Entrevista nº 06)

Além dessa influência, que pode ser considerada “positiva”, no sentido de que cria uma relação entre os presos e os colegas, ou seja, a “cooptação” destes para as drogas e os crimes, os familiares também apontam outro tipo de influência exercida pelos colegas: a influência “negativa”, ou melhor, a pressão e a ameaça.

- O negócio dele era ir roubar, agora não ele sozinho não, era turma. Juntava ele e uns meninos lá e ia pra um lugar e roubava, mas só que a culpa só caía nele, porque ele era o mais fraco. Aí os meninos já falavam “oh, você fala que você tava sozinho se não nós pega você”, ameaçava ele. A corda arrebita para o lado fraco. Aí era assim que acontecia. (Entrevista nº 03)
- [...] mas foi por causa dos amigos dele. Entrou no meio da turminha! “Ah, se você não fizer, a gente mata você, bate em você”. Aí coitado, “chuchou” no meio, aí ficou sendo acusado ainda. Eles eram dois. (Entrevista nº 10)

Essa influência negativa opera, no discurso dos familiares, no sentido de obrigar os presos a cometerem ações das quais não deseja. Além disso, os familiares denotam,

indiretamente, uma solidariedade do grupo, pois o que foi preso tem a ética de não denunciar os demais – apesar de esse acordo ser mantido por meio de ameaça e coerção.

Como foi visto o coleguismo, para os familiares, é o que leva os filhos a entrarem para o mundo das drogas e do crime, por fazer com que também os filhos se voltem contra a família. Subentende-se que, se não fossem tais colegas, os presos não teriam cometido crimes e, conseqüentemente, não estariam presos. Além disso, os familiares denotam dois tipos de influência dos coleguismos: influência positiva, quando levam os filhos por terem cabeça fraca e a influência negativa, quando a associação ao grupo se dá por ameaça e coerção.

4.2.2. Drogas

As drogas foram várias vezes mencionadas pelos familiares quando se tratava das causas e motivos do filho ter se envolvido com o crime. Todos os parentes dos familiares entrevistados tiveram algum tipo de envolvimento com as drogas, seja o uso ou o tráfico. A maioria já experimentou ou usou diferentes tipos de drogas, segundo relatos dos familiares:

- Já usou maconha... É mais aquelas coisas né?, cocaína... Ele afundou mesmo foi no crack, ele ficava que nem um mendigo na rua. (Entrevista nº 01)
- Ih... Crack, maconha... (Entrevista nº 03)
- O negócio dele é que ele usa só maconha, ele não vende. (Entrevista nº 07)
- Eu só sei que é dois tipos de droga, tem um que é um pozinho e outro que fuma. (Entrevista nº 10)

Os familiares mencionaram: maconha, cocaína e crack. Estas são as principais drogas consumidas entre os jovens no Brasil segundo dados do Centro de Referência em Álcool, Tabaco e Outras Drogas (CRATOD).

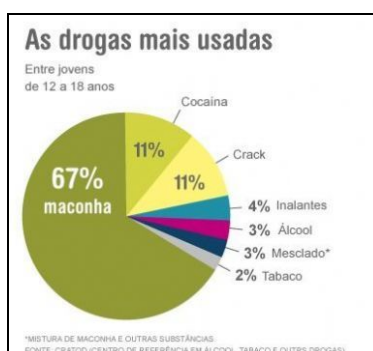


Figura 02. Consumo de drogas entre jovens no Brasil

Os familiares compreendem que o que levaram os presos a consumirem drogas foi, novamente, a influência dos amigos e colegas (coleguismo). Existe aqui um conflito entre o mundo da rua, dominado pelos colegas e o ambiente familiar, controlado pelos pais. Apesar disso, mesmo dentro da família, existem influências diretas para o consumo de drogas, como bem ilustra os trechos abaixo da entrevista nº 05

- Ah... Eu usei maconha, eu usei cocaína, mas durante quatro meses só. E eu acho que uns amigos dele falaram com ele “ó, seu pai...”, acho que sim, e acho que isso também atrapalhou um pouquinho.

- [...] foi o primo dele que ofereceu droga pra ele a primeira vez, aí ele começou a usar droga. Eu acho que a primeira droga dele foi maconha... Ele fala que só usa maconha. Eu não sei se é só maconha [...] (Entrevista nº 05)

O consumo de drogas, na visão dos familiares, influencia no comportamento e aparência física dos presos. Na maioria dos casos associa-se com um comportamento mais violento e agressivos aparência física negativa, como nas entrevistas nº 01 e nº 05. Contudo, como na entrevista nº 10, também tem uma visão de que a droga, desde que feita no canto do preso – sem incomodar ninguém, era um vício calmo e não alterava a rotina do preso.

- Também às vezes quando vai não (??? 24:44) para casa fica violento, não enxerga pai, não enxerga mãe, esquece que tem... Que é pai que é amor, que é mãe que tem amor, que é irmão... Mas fora das drogas, ele é um... Nossa (expressão positiva). (Entrevista nº 01)

- Quando percebi que ele tava usando maconha, percebi porque ele gostava muito de jogar bola, todo domingo, e eu comecei a perceber que ele não tava querendo mais. Aí descobri que ele tava usando e tentamos internar ele, mas falaram pra não internar que não adianta, porque ele ia piorar. (Entrevista nº 05)

- [...] dessa vez quando eu vi a foto dele no jornal e vi o rosto dele eu falei “não, esse aí não é Adalto não”. Fica totalmente diferente quando tá drogado, totalmente, os olhos tudo arregalados... (Entrevista nº 05)

- Ele usava, mas num era tanto não, chegava em casa tranquilo, saía tranquilo, nunca bateu em ninguém, era um vício calmo. O único dia que ele cometeu esse erro, é a primeira e última vez que ele fez isso. Nunca mais ele fez isso. Tentou fazer e não conseguiu. (Entrevista nº 10)

Cabe ainda destacar, com relação às drogas, também foram enfatizados os efeitos negativos do uso do crack. Os familiares perceberam que os presos ficaram muito pior

quando passaram a consumir crack, tal como se pode observar nos trechos abaixo

- Depois que ele começou a usar o crack mesmo... Eu nunca vi ele, esse tempo que ele usa, nunca vi ficar desse jeito, igual um mendigo, só dormindo na rua, chegava só de madrugada... Chegava e saía... Chegava, pedia o pai dele cigarro, sumia pra lá... E fora o dinheiro, né?, que ele pedia. (Entrevista nº 01)

Portanto, com relação às drogas, os familiares possuem uma compreensão sobre os tipos de drogas que os presos usam (maconha, cocaína e crack) e associam essas drogas diretamente ao seu comportamento, ao mesmo tempo em que também percebem que os presos são influenciados principalmente pelos colegas de rua.

4.2.3. Cabeça fraca

Os familiares também associaram a entrada dos presos no crime com o fato de terem “cabeça fraca”. Para estes, de modo geral, o comportamento criminoso está relacionado com o tipo de “cabeça” que a pessoa tem. Neste raciocínio tem pessoas que passam por situações ruins, mas não se tornam criminosas e com outras acontece o inverso. Com isso, de acordo com os entrevistados, um fator determinante seria a “cabeça” da pessoa, ou, em outras palavras, a índole moral do indivíduo. Nas entrevistas, esta índole moral está exposta de maneira à (quase) considerá-la como inata dos indivíduos, como pode ser interpretado nas falas abaixo

- Ele falou comigo, muito tempo de tanto falar com ele, ele falou pra mim: “sabe de uma coisa eu queria... aceitasse que internar, sabe?” Mas acho que é isso, é mais a cabeça da pessoa né? Não sei... Eu penso que vai mais da cabeça... As vezes vai para um internamento e fica lá de repente volta, começa a dar de novo, a gente... (Entrevista nº 01)

- [...] se você não "tiver" uma firmeza de cabeça meu filho, você vai no barco errado. (Entrevista nº 06)

- Ah, eu acho que isso vai muito da cabeça da pessoa. O cara quando quer ser bom, ele é bom. Mas quando ele tem que ser ruim, é difícil você virar a pessoa. (Entrevista nº 10)

Outra fala que reforça essa ideia da “cabeça” como algo inato, pode ser percebida também no discurso do entrevistado nº 05 quando este compara as dificuldades da sua juventude com as do filho,

- Eu me arrependo muito, sabe, porque talvez eu poderia ter dado uma educação bem melhor pra ele. Mas só que eu também, eu também num... Mas é engraçado, porque eu passei por isso, mas eu não fiz nada de errado, porque vi confusão dos meus pais. E eu não fiz nada de errado. (Entrevista nº 05)

De modo geral, já percebemos que a “cabeça” é algo próprio do indivíduo – a sua particularidade, na visão dos familiares. Contudo, ao mesmo tempo em que temos essa situação, existe uma breve relativização para a forma como esses presos foram criados. Em outras palavras, a forma como a “cabeça” do preso foi formada, ou seja, a importância dos pais na criação, apesar de estes não serem o destaque.

- Vai da cabeça e outra coisa é para de conversa né? (Entrevista nº 01)

- Se a pessoa não tiver uma cabeça bem formada cai na rua lá, apesar da gente explicar falar sai fora de companhia que é a pior coisa que existe nesse mundo. (Entrevista nº 06)

Em resumo, a “cabeça fraca” é atribuída, assim, àqueles que não obedecem aos pais e que se deixam influenciar pelos colegas e amigos e seguem o caminho das drogas e criminalidade. Essa “cabeça” está mais associada ao próprio indivíduo e pouco se considera sobre a importância dos pais e da sociedade na formação desta “cabeça”.

4.2.4. Influência familiar

Nos depoimentos coletados, podemos observar muitos dados que nos trazem a relevar a importância de bons exemplos familiares e de como a má influência atrapalha na construção de um cidadão de bem.

- Entrevistadora: E deixa eu te perguntar... Seu filho começou a assaltar com quantos anos?

- Começou o seguinte... Assim que separei, ele foi morar com a mãe dele e eu tinha até muito contato com ele no início da separação. E tem um primo dele que já mexia com droga e essas coisas, e sei que foi o primo dele que ofereceu droga pra ele a primeira vez, aí ele começou a usar droga. Eu acho que a primeira droga dele foi maconha... Ele fala que só usa maconha. Eu não sei se é só maconha, eu o internei em três clínicas. (Entrevista nº 05)

- Entrevistadora: Tem outros parentes aqui com seu filho?

- Tem. Tem o Leo, o “Titin” tá em Muriaé. De uma família são três e o outro de tanto usar droga ficou doído. São quatro da mesma família vivos, pois um foi assassinado recentemente (*vítima da*

guerra do tráfico de drogas em AGO/14). (Entrevista nº 05, grifo nosso)

- Entrevistadora: Você usou qual droga?

- Ah... Eu usei maconha, eu usei cocaína, mas durante quatro meses só. E eu acho que uns amigos dele falaram com ele “ó, seupai...”, acho que sim, e acho que isso também atrapalhou um pouquinho. (Entrevista nº 05)

Para este familiar, a relação conflituosa com sua esposa, a qual o filho ainda menor acabou presenciando agressões físicas entre os pais, culminando numa traumática separação, ao ficar sabendo que seu pai utilizava drogas, mesmo que foi por um curto período, a tentativa de suicídio de seu pai, aliado o envolvimento de parentes próximos que já praticavam atos delituosos, foram cruciais para o envolvimento de seu filho com o mundo do crime.

- Quando ele foi morar com o primo dele, eu já conhecia esse primo, eu falei assim “se você continuar andando com o Felipe eles vão te matar, ou você vai preso”. Engraçado que passou três dias que falei isso, ele foi preso. Aí passou uns dias que ele foi preso, entraram lá dentro da casa onde ele tava morando com o primo dele e mataram o primo dele. Aí no sábado eu vim visitar ele aqui e ele falou “é, pai, ainda bem que eu fui preso ne, se não tinham me matado também, eles foram lá pra matar, mas como tinha só ele matou só ele”. (Entrevista nº 05)

Neste trecho fica cada vez mais evidenciada a importância dos conselhos dos pais, e de como o preso tem conhecimento dos riscos que o mundo externo, pode propiciar a quem se envolve com o mundo das drogas e do crime.

Algumas frases que alguns presos proferiam quando recebiam conselhos, de seus familiares:

- “Sou de maior tenho que dá satisfação não”. (Entrevistas nº 06 e 09)

- Infelizmente apareceu um tio dele lá que... Soprou uma conversa errada no ouvido dele. - É. "Se você fizer dezoito anos você não precisa dar satisfação a seu pai!". (Entrevista nº 06)

Estas frases, da o tom da receptividade dos conselhos dados pelos seus familiares aos seus parentes presos, antes de cometerem o crime, acham que são donos do mundo, estão prontos para voar, mas que depois ao serem detidos, os fazem refletir sobre a maioridade, o seu real significado em suas vidas.

- Tem 3 (três) filhos, os outros 2 (dois) também já estiveram presos, agora o seu caçula aos 18 anos preso, sendo que este vive uma relação conflituosa com os demais irmãos. (Entrevista nº 09)

Estes discursos nos levam a ver os resultados de uma família desestruturada, aqui neste caso vão além dos problemas de base, criação, educação propiciadas, as falhas foram em todos os sentidos, uma vez que todos os seus 3 (três) filhos se envolveram com a criminalidade. Levando-nos a crer que o aprendizado do crime se dava dentro de casa.

4.2.5. Dinâmica do crime

Os familiares também possuem uma visão acerca de como se opera a dinâmica do crime. Um dos principais fatores, encontrados na análise das entrevistas, refere-se ao uso de drogas. Para os familiares, o vício do uso de drogas provoca a necessidade de um uso cada vez maior e, acabando os recursos financeiros, levam os presos a cometerem crimes.

- É, porque usava a droga e ia lá... Você sabe que como os traficantes, é né?, fica cobrando. Eu penso com a minha cabeça, mas agora que eu to mais com experiência um pouquinho... É... Vou roubar para pagar dívida. Por isso aí que ele tá preso agora, por causa de roubo. (Entrevista nº 01)

- Ah, começa a usar droga, aí às vezes ficava sem dinheiro, aí quer comprar droga ou às vezes quer mostrar bonito pra namorada, sabe? (Entrevista nº 05)

- Ah, a causa dele foi mais a droga né. Ele se meteu com droga, a cabeça ficou doída, e ameaçou um roubo, mas não chegou a roubar. Ameaçou um roubo. (Entrevista nº 10)

Em poucas palavras: a droga desestabiliza vida financeira do indivíduo, conquanto a necessidade da droga aumente e para consegui-la, de maneira mais rápida, lança-se mão de meios ilegais: crime.

Além desse fator, outro apontado está mais para o campo moral e subjetivo do indivíduo para com o grupo de colegas e os valores compartilhados por estes. Como já foi denotado pelo entrevistado nº 05, o indivíduo rouba para fazer “bonito pra namorada”, ou seja, para ter dinheiro para comprar drogas e outros bens. Ainda com relação à namorada, houve um caso parecido na entrevista nº 04

- Roubava as pessoas na rua. E ele também. Aí a policia pegava eles e ele assumia tudo, sabe? É disso mesmo, de adolescente. Apaixonado. Primeira mulher. Risos. Sabe como é que é né? Foi bobo, né? (Entrevista nº 04)

Nessa situação havia uma associação para o crime, entre os namorados, no qual a mãe indica que a namorada era a responsável (mentora), enquanto o filho “apaixonado” acompanha-a e acabava assumindo a culpa. Outra vez, percebe-se aqui uma responsabilização a agentes externos para que o indivíduo, no caso o filho, entrasse para o crime.

Como já foi falado sobre as influências negativas do coleguismo, aqui também denotamos essa compreensão dos familiares acerca dos crimes cometidos pelos presos, como pode ser visto abaixo:

- [...] foi por causa dos amigos dele. Entrou no meio da turminha! “Ah, se você não fizer, a gente mata você, bate em você”. Ai coitado, “chuchou” no meio, aí ficou sendo acusado ainda. Eles eram dois.

- E quem ganha dinheiro é o cara. É tipo assim: vou explicar: você vende sua droga, você põe eu pra vender pra você, se entrar no cano, quem vai entrar no cano sou eu que vendi pra você. Você eu não posso dedar, porque você é o cabeça. O cabeça fica na boa e esse coitado entra aqui oh. Foi isso que aconteceu com meu menino, meu menino estava vendendo pra ele, na hora de ir preso, quem foi é meu menino, ele mesmo ficou de boa. (Entrevista nº 10)

Há ainda que se considerar o envolvimento que os familiares mais próximos acabam tendo com o mundo do crime em função dos presos. Em algumas entrevistas esse ponto fica nítido

- Entrevistadora: É muito alto, é muito... [dívida]

-Entrevistada: (Silêncio) Oh... Ele não sabe que eu sei não. Mas já conversei com a mulher lá, conversei pra ela ter paciência...

-Entrevistadora: A mulher do traficante?

-Entrevistada: É... Até eu conversei com ela, sabe? Pra não fazer nada com ele não. Ela falou que não vai fazer não. Inclusive ele tem um filho... (Entrevista nº 01)

- Sim, por que um morava com ele, e acabava ajudando ele, não querendo mas fazer o que né? (Entrevista nº 02)

O teor geral das entrevistas aponta que os familiares compreendem que os presos se envolveram com a criminalidade devido, principalmente, a três fatores gerais: dívida de drogas, status social (para se mostrar) e por pressão e ameaça. E, de uma maneira indireta, os familiares acabam se envolvendo com os crimes cometidos pelos presos.

4.3. PRISÃO, PRESÍDIO E FUTURO

4.3.1. Impacto da prisão na família

O impacto sobre os familiares dos presos de terem membros encarcerados provocam profundo sofrimento em seus familiares, pois eles acabam presos também, pois se sentem na obrigação de dar assistência e acompanhar o familiar preso.

Os familiares dos presos, não se sentem habituados com o fato de frequentarem o presídio, mas destacam o bom tratamento oferecido por parte de seus servidores, e entendem as normas e regras praticadas pela unidade prisional.

Alguns familiares chegaram a citar as dificuldades no ato de visitar e levar alimentos e produtos de higiene pessoal como: tempo para deslocar de suas residências e trabalhos até o presídio, devido a própria localização do presídio de acesso difícil e íngreme, falta de recursos financeiros para custear estes gastos, revista pessoal em dia de visita (sentem-se constrangidas (os), por terem que se despir para passar por este procedimento) dentre outros.

- Entrevistadora: Como que foi quando ele foi preso na primeira vez? Como que a senhora ficou?

- Fiquei pra morrer, minha filha. Pra mim foi a pior coisa que poderia ter acontecido. Fiquei muito triste. Chorei muito. Acabou comigo. Mas passando o tempo fui acostumando. Porque eu falei: “num vai adiantar nada, né? Ficar sofrendo. Morrendo. Acompanho ele. Venho cá visitar. Amar ele amo demais da conta. Mas fazer o que né? Entre a cadeia e o cemitério eu prefiro a cadeia ainda dá pra cuidar. O cemitério nunca mais né? Vai morrer, né? Porque se ele ta no mundo da droga, se ta no mundo errado... (Entrevista nº 04)

Infelizmente em seu eu, esta mãe (entrevista nº 04) já tinha uma ideia do destino precoce de seu filho, um pressentimento do que poderia vir a acontecer, com o filho e o seu envolvimento com o mundo do crime, concretizado mais tarde (*seu filho foi assassinado em OUT-14, como principal linha de motivo, dívida de droga*).

Em muitos dos depoimentos dos familiares a droga é colocada como fator determinante, para o sofrimento destas famílias, provocando a desestruturação geral desses parentes presos, marcando para sempre a história de vida destes, pois em todos os depoimentos é colocado o antes e o depois da relação perigosa com o mundo das drogas.

4.3.2. Apoio familiar e expectativa com relação ao futuro

Os familiares entrevistados em sua grande maioria apoiam seus familiares presos, no intuito de uma futura reintegração a sociedade. Os familiares temem que a falta de visitação e atenção, durante o período em que estiverem reclusos no presídio, causem no preso um sentimento de abandono, desprezo e revolta, pois acreditam ser um momento especial em que o seu familiar mais precisa do apoio destes, apesar de muitas vezes serem reincidentes e antes de serem presos novamente seus familiares fazerem juras de nunca mais visitar caso se envolvam novamente com o crime.

Mas quando novamente se envolvem com o crime, o coração fala mais forte e lá estão novamente apoiando no que for preciso seus familiares presos.

Dos casos analisados em sua maioria, não possuem problemas de relacionamento com os demais membros da família, e são tidos como pessoas boas para estes.

Encontramos em comum em todos os relatos a palavra de Deus em seus discursos, todos detêm muita fé e esperança em Deus, uma espécie de conforto para a situação em que se encontram.

- Entrevistadora: E porque você vem visitar o seu filho ?

- Entrevistada: Porque eu amo ele. E eu acho que se você abandonar é pior. Se você é mãe e faltar com ele quando ele mais precisa, quando ele sair ele vai sair muito mais revoltado do que você possa imaginar. Acho que nenhuma mãe. Quando é mãe num abandona não. Tem muitas mães que num vêm, mas eu não sou uma delas. Vem mesmo. Tranquilo, mas eu falo com ele. Se sair e aprontar, num conta comigo mais. Mas nunca é verdade isso, risos. *SEU FILHO FOI ASSASSINADO AOS 22 ANOS DE VIDA, EM 25/10/14 – 1 (UMA) SEMANA APÓS SER COLOCADO EM LIBERDADE, POR CIRCUNSTÂNCIAS LIGADAS A DÍVIDA DE DROGAS (acerto de contas).* (Entrevista nº 04)

O presídio mantém em suas normas a permissão para visita de familiares de 1º grau (pai, mãe, irmão, filhos e esposas), previamente cadastrados junto ao setor de Assistência Social, sendo submetidas a revista pessoal e trajar vestuário específico, 1 (uma) vez por semanas aos sábados, com duração de 4 (quatro) horas de visitação. O presídio também autoriza familiares a entregarem produtos de higiene pessoal e alimentação, como forma de complemento aos itens fornecidos pelo presídio, segundo quantidades e itens estabelecidos em normas próprias, passando por revistas minuciosas, nas terças-feiras ou quintas-feiras da semana de (7:00 às 11:00 horas) da manhã.

Todos familiares são unânimes, na boa expectativa com relação ao futuro de seus parentes presos após saírem do presídio, todos familiares esboçaram alguma intenção, desejo positivo depois que estes saírem da prisão.

O preso ao ser tratado com dignidade e respeito, vê que é possível recuperar-se e não mais ter uma vida delituosa como antes. Como afirma Alvim (2014)

Tal fato implicará diretamente na vida dele próprio e também na vida da sociedade que sentirá os efeitos de tal recuperação, os índices de violência irão baixar e a qualidade de vida irá melhorar. (Alvim, 2014)

É necessário valorizar o preso como pessoa humana, dignificando-o mesmo dentro da prisão, é o caminho para que ele se recupere de suas condutas delituosas.

4.3.3. Visão sobre o presídio

As entrevistas demonstram claramente, que os familiares têm uma boa visão do presídio, onde são tratados com respeito e dignidade, por parte de seus funcionários, alguns chegam até mesmo a mencionar que preferem seus parentes presos, do que em liberdade na rua, talvez estejam mais seguros encarcerados. Muitos familiares se dirigem ao presídio, como se fosse um grande hospital, chegam a ligar, comparecerem na porta do presídio, perguntando se seus familiares estão passando bem.

- Entrevistadora: E a senhora acaba ficando presa junto com ele, né?

- Acabo. Mas às vezes fico feliz. Porque quando ele tá na rua eu num consigo dormir. (Entrevista nº 04)

- Mas eu acredito que se ele ficar preso aqui pelo menos uns dois anos, eu acredito que apesar de todo o sofrimento aí ele pode mudar. (Entrevista nº 05)

- Entrevistadora: Agora algumas questões sobre sua visão daqui do presídio, o que mais te incomoda ao vir aqui visitar ou entregar algum alimento ou alguma outra coisa pra ele?

- Na hora do alimento é tranquilo, a parte que mais incomoda é a gente ter que tirar roupa né, mas é necessário... é essa parte só mesmo. (Entrevista nº 08)

-Entrevistadora: Mas no geral assim, sobre o tratamento?

- Ah, no geral, pra mim é bom. (Entrevista nº 09)

Infelizmente, alguns procedimentos tem que ser adotados por parte das normas e regras do presídio, com o intuito de preservar a ordem e a integridade física de seus reclusos e agentes prisionais, pois somente através da revista, onde o visitante tem que tirar toda a roupa e sofrer uma minuciosa revista, que é possível inibir a entrada de drogas,

celulares, armas, instrumentos pontiagudos, cortantes, que poderiam criar situações conflituosas dentro da unidade prisional, como motins, rebeliões, brigas, assassinatos e tentativas de fuga.

4.4. BREVES CONSIDERAÇÕES NA VISÃO DE UM AGENTE PRISIONAL

Na carreira de Agente Prisional, desde 2008, após passar por um curso de formação na cidade de Juiz de Fora, trabalhado inicialmente em Ponte Nova e atualmente em Viçosa, posso dizer que já vi muita coisa no Sistema Prisional, desde motins, tentativa de invasão e até presos que estavam soltos pedindo para voltar.

Escutamos muitas histórias de vida, desabafos, relatos de dificuldades e versões de crime. O trabalho não é simples, pois sempre que você pensa que já viu de tudo, acontece algo novo que muda esta linha de pensamento.

Acredito ser necessário promover uma reflexão sobre o papel do agente prisional, definir melhor suas responsabilidades, valorizar suas funções, repensar a jornada de trabalho, dar-lhe condição de trabalho e segurança, como um dos pilares para a imediata reestruturação do sistema prisional.

Sobre a população carcerária do Presídio de Viçosa, contamos hoje em sua grande maioria formada por dependentes químicos que vendem drogas e cometem pequenos delitos para sustentar o seu vício e pagarem suas dividas com os traficantes, temos também em menor número outros presos que cometeram crimes de homicídio, tendo como principal motivador o envolvimento com drogas (não pagamento de dívida, disputa por ponto de venda de drogas, desavenças, dentre outros).

O meu convívio com os familiares dos presos se da de uma forma direta, manifestando assim um maior interesse de minha parte em pesquisar sobre este tema, pois atualmente exerço minhas funções de Agente Prisional na portaria do Presídio de Viçosa, mantendo contato com os mesmos nas quintas e sextas-feiras durante a entrega de alimentação e aos sábados durante o dia de visita.

No meu dia a dia em contato com essas famílias, percebo em seus discursos, atitudes, sentimentos e reações, que me fazem perceber algumas características em comum:

- Famílias humildes;
- Baixa escolaridade (muitos semianalfabetos);
- Famílias de pais separados;

- Filhos sem reconhecimento de paternidade;
- Famílias construídas com irmãos de pais diferentes;
- Em relação à renda grande parte, é mantida com recursos de programas assistenciais do governo, aposentadorias e trabalhos informais;
- Residem em imóveis de aluguel, nas regiões mais pobres da cidade;
- Tratamento para com os funcionários do presídio, com humildade e educação;
- São de raça negra e mestiça;
- Muitos se encontram com o Estado pela primeira vez no interior do Sistema.

O presídio conta com serviços de profissionais como: assistente social, assistência jurídica, pedagoga, nutricionista, enfermagem e médico, onde são servidas 4 alimentações balanceadas diariamente (café, almoço, lanche e jantar), acredito serem esses os motivos de alguns familiares elogiarem o presídio, pois muito de seus parentes presos, chegam ao presídio muito magros e com a saúde deteriorada, devido aos efeitos nocivos do uso de droga, álcool, noites mau dormidas, recuperando o seu peso e condições de saúde rapidamente.

A Defensoria Pública e Promotoria da comarca local, comparecem a unidade com certa regularidade, com a finalidade de fiscalizar a unidade prisional e a assistência aos apenados.

Percebi nesses discursos captados durante a realização das entrevistas, e na própria troca de opiniões com os colegas entrevistadores, a grande vontade que os familiares de presos, tem em falar, desabafar, expor seus pontos de vista, colocar para fora uma série de sentimentos, é como se fossem uma lágrima através do diálogo, por que são histórias de grande sofrimento, e em todos discursos a droga esta relacionada a condição atual do seu parente apenado.

Na condição de observador mais próximo desses familiares e seus respectivos parentes presos, me sinto na obrigação de expressar alguns aspectos, ligados a atividade criminosa de seus parentes presos, não querendo contradizer de forma alguma os depoimentos, nem emitir opiniões ou tendenciar algo, pois como podem observar os relatos vem muito carregado de sentimento e nas coisas que esses familiares acreditam e sentem.

Sobre o entrevistado nº 03: apesar de sido mencionado pela mãe como pessoa boa

(Entrevistada nº 03) Fica doido somente, quando bebe ou faz uso de drogas.

O preso já tentou colocar fogo dentro de uma cela, onde esta recluso com cerca de 6 indivíduos, e o motivo de sua prisão é por ter cometido um homicídio com terríveis requintes de crueldade.

Sobre o entrevistado nº 04: a mãe não tinha muita ciência de suas ações, nas atividades criminais, também mencionando seu filho como pessoa boa

(Entrevistadora) E deixa eu perguntar pra senhora. A senhora falou comigo que prefere ver ele aqui dentro. Como que é a relação assim, o presídio, ele aqui dentro do presídio com os outros presos. Com os policiais. Com os agentes

(Entrevistada nº 04): Eu acho que é boa, né? Quando a relação num é boa eles são transferidos né? Vão pra Ponte Nova. Vão pra vários lugares.

Recentemente, de posse de arma de fogo, seu filho chegou a efetuar disparos de arma de fogo contra o presídio, e já foi flagrado por diversas vezes, tentando arremessar drogas na área interna do presídio quando estava solto. Todos agentes prisionais são unânimes em afirmar que se trata de uma pessoa de temperamento difícil, péssimo comportamento e tinha problemas de relacionamento com metade dos presos existentes nesta unidade.

Sobre o entrevistado nº 05: mesmo com quase certeza absoluta do ato criminoso do filho, o pai tenta defende-lo.

(Entrevistadora) E é a primeira vez que ele é preso também, né?

(Entrevistado nº 05) É, de ficar na cadeia assim é a primeira vez. Agora, pelo que eu to sabendo, esse negócio não vai ter como provar, porque assim... Ele admitiu que tava junto, mas ele falou que quem deu o tiro lá foi seu primo, que morreu. E alguns meninos falaram que foi ele mesmo quem deu o tiro, mas a gente não sabe.

Trata-se de um roubo a mão armada, o qual seu filho é suspeito de vários, pois circulava de moto com o seu comparsa, e na semana deste fato que culminou na sua prisão, já haviam cometidos diversos delitos na mesma circunstância, só que neste que ocasionou a sua prisão, ainda não totalmente esclarecido, a vítima desta dupla ficou paraplégica, uma jovem mãe de família com 29 anos de idade. Observando também que o seu comparsa não tinha nem 7 (sete) dias que estava em liberdade condicional.

Por fim, sobre a entrevista nº 10: esta entrevistada, tem 3 (três) filhos, 2 (dois) estão em liberdade mas já tiveram presos, em ocasião anterior a mesma tentou burlar os agentes prisionais, durante a revista de alimentação, tentando fazer entrar refrigerante misturado a

bebida alcoólica. Uma vez que na semana do aniversário do preso é permitido a entrada de 2 (duas) unidades de refrigerantes transparente e certas quantidades de salgado para o preso aniversariante.

5. ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS FAMILIARES SOBRE OS PRESOS

A presente seção realiza uma síntese acerca do discurso dos familiares e problematiza-as à luz de algumas teorias que possibilitem melhor compreender e abordar os temas discutidos.

A preocupação central está em conseguir reduzir a complexidade das 10 entrevistas e buscar a generalidade nestes discursos, para que possam ser feitas considerações mais claras e objetivas acerca do fenômeno da criminalidade, visto pelos familiares dos presos.

Esta seção está dividida em:

- Análise sobre a visão dos familiares sobre os presos: como os familiares percebem o comportamento dos presos e a relação destes com a família;
- Análise sobre a visão dos familiares sobre fatores criminogênicos: na visão dos familiares, os principais fatores que influenciaram no comportamento criminoso dos presos;
- Análise sobre a visão dos familiares acerca do presídio e a expectativa com relação ao futuro: como os familiares percebem a prisão, tanto para eles mesmo quanto para os presos e o que percebem e esperam dos presos após saírem da prisão.

5.1. Análise da visão da família sobre o preso

A figura abaixo é uma aproximação gráfica sintética da análise do discurso dos familiares no que se refere à relação entre os familiares e os presos e a visão daqueles para com estes.

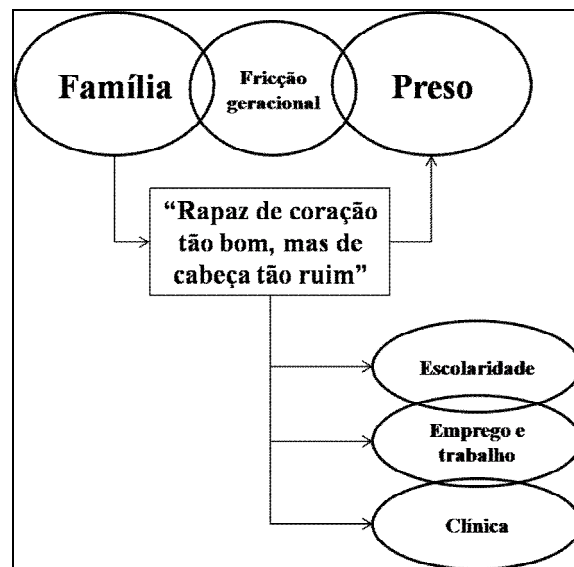


Figura 03. Visão da família sobre o preso

A frase que melhor resume a visão que os familiares sobre os presos foi extraída da entrevista nº 06, quando o entrevistado mencionava uma carta que ele leu escrita pela namorada de seu filho e que dizia: “rapaz de coração tão bom, mas de cabeça tão ruim”. Isso demonstra que, entre os familiares que vão até o presídio e os presos, existe um vínculo emocional muito grande e que, mesmo estes terem cometido atos delinquentes, não deixam de perceber o lado “bom” destes.

Em outras palavras, percebe-se aqui que os presos não são pessoas delinquentes o tempo todo. Não são desviantes em todas as suas ações ou valores, ou seja, não são criminosos o tempo todo. Como considera Sutherland (apud DURANTE, 2014), “o comportamento criminoso é uma resposta de pessoas normais a situações consideradas como indesejáveis e ilegais”. Com isso, vê-se que o criminoso é uma pessoa normal que, diante algumas situações possui um comportamento desviante, mas que no geral não é desviante todo o momento. É nesse sentido que podemos compreender quando os familiares afirmam que seus parentes presos são “boas pessoas”, tem “bom coração”, são “tranquilos”.

Para justificar a ação desviante dos presos, os familiares são unânimes em afirmar, que a personalidade destes está intimamente ligada de forma negativa ao uso ou não de drogas e álcool, uma espécie de antes (bons) e depois (ruins) e relação com colegas. Eles também identificam a fase da vida dos jovens em que começaram a observar essa mudança de comportamento: adolescência. É nessa fase que ocorre a fricção geracional.

A fricção geracional está relacionada à associação aos colegas de rua e os códigos compartilhados por estes, que será tratado na seção posterior, e também a fricção entre os valores e as expectativas entre os jovens e adultos. De acordo com Merton (1970), a sociedade estimula certos apetites humanos e legitima certos meios legais, ao aplicar este raciocínio à fricção geracional, podemos compreender o descompasso que existe entre os meios legais e metas propostos pelos pais e avós, e as metas e meios acionados pelos filhos e netos.

A fricção geracional também pode ser compreendida a partir da abordagem holística de Giddens (1995) sobre a contemporaneidade: a destradicionalização. De acordo com Giddens (1995), as tradições, no novo momento da modernidade, a modernização reflexiva, tem menor impacto e peso na vida dos indivíduos. Não que as tradições não existam mais, mas no presente momento as tradições precisam ser justificadas e, nesse sentido, não possuem o mesmo peso que outrora na delimitação dos contornos da vida

social. Em outras palavras, os indivíduos hoje tem mais liberdade para tomarem as decisões de acordo com suas perspectivas. Dentro desse quadro que podemos compreender a fricção geracional: as novas gerações sentem menos o peso da tradição na delimitação (e mesmo determinação) das suas condutas e escolhas de vida, ou seja, é menor o poder de autoridade dos pais sobre os filhos, tal como no passado.

Com relação à baixa escolaridade dos presos, os familiares não demonstraram nas entrevistas, alguma maior preocupação com este fato. Este fator pode estar relacionado diretamente à baixa escolaridade dos avós e pais dos presos, ou melhor, ao baixo capital cultural dos familiares.

Segundo as entrevistas com familiares de presos, podemos verificar que muitos presos tem vontade de serem inseridos no mercado de trabalho, mas devido à baixa escolaridade encontram postos pouco qualificados, e, também, devido o uso de drogas eles não conseguem se manter no emprego. Entre aqueles que já passaram pela prisão, segundo os familiares alguns até gostavam de trabalhar antes de serem presos, mas a dificuldade é grande, devido o rótulo de ex-presidiário que adquirem após passarem pelo Presídio, e a não existência de vagas em empregos formais, ficando mais na base da informalidade, vivendo sobre a sazonalidade das vagas ofertadas pelo emprego informal. Segundo Garfinkel apud Durante (2014),

Uma vez ocorrido o julgamento, o rótulo de criminoso se sobressai diante de todos os outros rótulos que a pessoa possui e a pessoa passa a ser para todas as outras pessoas um criminoso. Esta pessoa é, então forçada a agir criminalmente seguindo o estereótipo de criminoso construído pela sociedade. (GARFINKEL apud DURANTE, 2014)

Essa dificuldade de reinserção no mercado de trabalho, devido ao rótulo é um reforço para que o preso continue com comportamentos desviantes após sair da prisão – apesar das expectativas dos familiares serem outras.

Por fim, os entrevistados relatam diversas experiências com clínicas de reabilitação, como forma de livrar seus familiares do terrível mundo das drogas e criminalidade, mas questionam a sua real eficácia, pois chegou inclusive a ter relatos por parte de familiares de preso, que houve uma piora no comportamento de seu familiar após passagem por estas clínicas.

5.2. Análise sobre a visão dos familiares acerca dos fatores criminogênicos

Nesse segundo momento, cabe a reflexão sobre a visão dos familiares acerca dos fatores criminogênicos, ou seja, os condicionantes que influíram diretamente no comportamento do indivíduo para que este viesse a cometer crimes e a se envolver com as drogas.

A figura X, é uma aproximação gráfica sintética do discurso dos familiares. É preciso, desde já, ressaltar que é uma redução da complexidade, do mundo da vida, e, portanto, não é toda a realidade – existem fatores outros que não foram abrangidos por essas pesquisas que podem ou não estar relacionados ao comportamento desviante, na visão dos familiares.

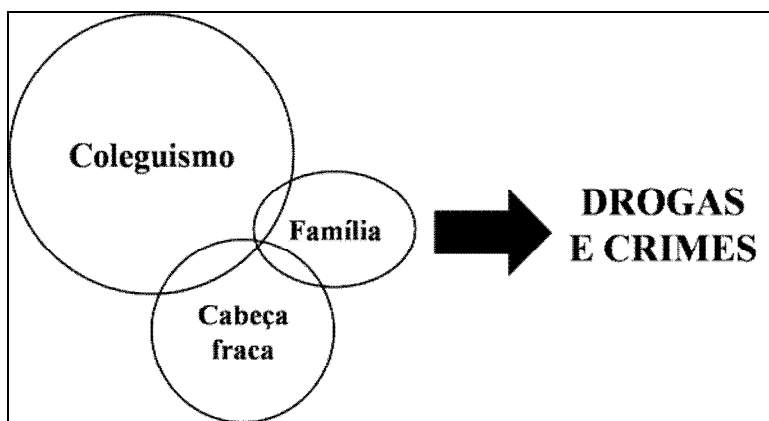


Figura 04. Síntese do discurso dos familiares acerca dos fatores criminogênicos

Com relação à figura, percebe que a associação entre coleguismo, cabeça fraca e família estão levando à drogas e crimes. O que se quer demonstrar nessa figura é que o coleguismo, em maior escala, a cabeça fraca e a família, em menor escala, são os principais fatores criminogênicos na visão dos familiares dos presos.

Cabe aqui retomar o que já foi dito sobre estes termos para melhor delimitá-los na análise:

- Coleguismo: influência, positiva (atração) ou negativa (ameaça ou coerção), realizada pelos colegas de rua. Para os familiares o comportamento desviante se dá devido à associação dos seus parentes com outros indivíduos já desviantes: os colegas de rua;
- Cabeça fraca: fator psicológico e, pode-se dizer, inato dos indivíduos acerca do seu comportamento no mundo. Em outras palavras, os familiares

associam a cabeça fraca aos indivíduos que não seguem o “bom caminho” e se deixam influenciar pelos colegas de rua;

- Família: em menor grau, os problemas familiares, como a violência doméstica e influência de parentes que já são criminosos, também contribuem para que os indivíduos se tornem desviantes.

Essa é a síntese do discurso dos familiares acerca dos fatores criminogênicos. Percebe-se aqui a grande influência de um fator externo: o coleguismo. Subentende a partir disso de que, se não houvesse essa associação com indivíduos já desviantes, talvez os presidiários não teriam tido tal destino. Em outras palavras, para os familiares o crime não foi aprendido dentro de casa. Podemos associar essa condição com que o que considera a Teoria da Aprendizagem:

O processo pelo qual a aprendizagem ocorre envolve associações com outras pessoas em grupos entre as quais existem laços de intimidade. [...] Na dimensão criminal, o conteúdo daquilo que é aprendido inclui técnicas específicas para cometer crimes; motivos apropriados, racionalizações e atitudes e definições mais gerais favoráveis a violação da lei. (VOLD et. al. apud DURANTE 2002)

Os jovens se associam em grupos e constituem um código de rua que orientam as suas ações. Durante as entrevistas, não foram mencionadas limitações dos indivíduos à saírem na rua, ou seja, subentende-se que havia uma normalidade em estar fora de casa, e sempre, durante as entrevistas, foi enfatizado

As crianças das famílias da rua em geral crescem sem a supervisão de adultos. Em grupos, eles reúnem seus conhecimentos e aperfeiçoam suas habilidades para sobreviver na rua. Em especial, eles aprendem a lutar e a importância que a luta tem na rua. (ANDERSON apud DURANTE 2014)

O coleguismo, portanto, pode ser compreendido como o grupo onde os jovens se integram distantes da supervisão dos adultos, e existem um desenvolvimento e aprendizagem de novos valores e práticas, ligados ao contexto da rua. O coleguismo são gangues, ou melhor, grupos desviantes.

Os outros dois fatores criminogênicos presentes no discurso dos familiares, “cabeça fraca” e “família”, podem também serem abordados nas perspectivas das teorias do controle e autocontrole. Ao se referirem à “cabeça fraca”, os familiares mencionavam à baixa integração moral dos indivíduos à família, aos valores dos familiares e que se

deixavam influenciar pelos colegas de rua, ou como, inversamente, denota Hirschi, “indivíduos que estão mais ligados a grupos sociais como família, escola e grupos de amigos são menos propensos a cometer atos delinquentes” (HIRSCHI, 1969).

Ainda sobre o auto-controle,

Os crimes ordinários são cometidos por pessoas impulsivas, não-sensíveis, mais pautadas por questões físicas que mentais, predispostas a agir de forma arriscada e que não conversam muito. Estas pessoas, de modo geral, fumam e bebem, se envolvem em muitos acidentes, não vão bem na escola, tendendo a deixá-la ou evitá-la e têm dificuldades para manter empregos. (GOTTFREDSON & HIRSCHI apud DURANTE, 2014)

Percebe-se que, o que encontramos na análise das entrevistas dos familiares, com relação ao fator “cabeça fraca” e fator “família”, está diretamente relacionado ao que consideram Gottfredson e Hirschi. Em poucas palavras, o discurso dos familiares enfatizam a aprendizagem e o baixo auto-controle como os principais fatores criminogênicos.

5.3. Análise sobre a visão dos familiares sobre o impacto da prisão, o presídio e o futuro

Por fim, novamente, é apresentada abaixo uma aproximação gráfica sintética da análise do discurso dos familiares acerca do impacto da prisão, a visão sobre o presídio e as expectativas com relação ao futuro do familiar preso.

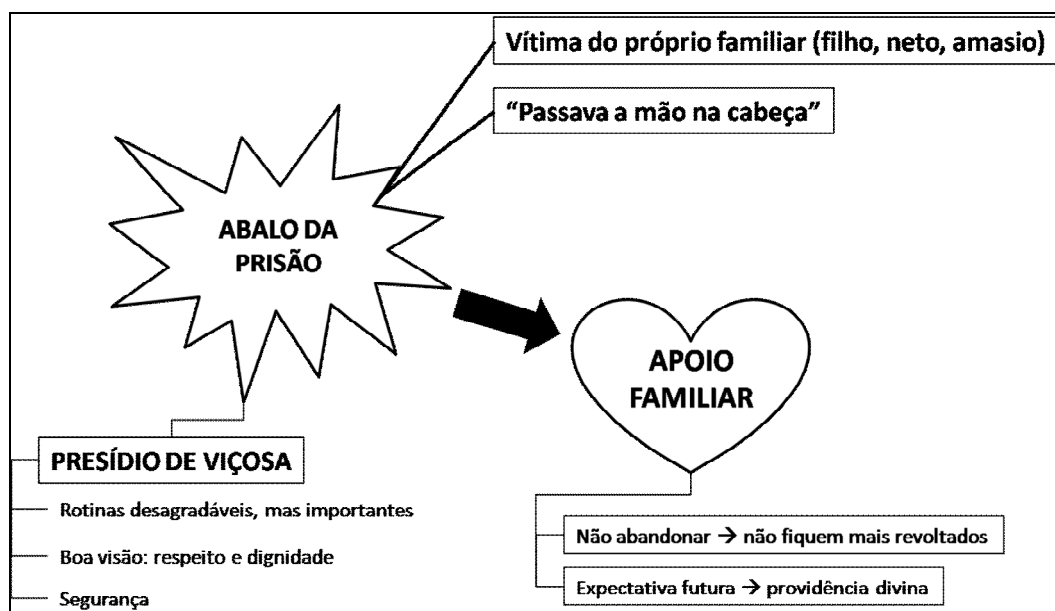


Figura 05. Síntese do discurso dos familiares acerca da situação do preso

Esse modelo aproximado do discurso dos familiares aponta como pontos centrais o “abalo da prisão” e o “apoio familiar”. Sobre o primeiro aspecto, os familiares, apesar de alguns já terem sido vítimas do próprio preso (pequenos furtos e agressões físicas) e de terem, em casos anteriores terem “passado a mão na cabeça”, relatam um forte abalo emocional na primeira vez que o parente é preso. Em outras palavras, mesmo já sabendo do comportamento criminoso anterior à prisão do parente, ainda assim acontece um choque emocional entre os parentes próximos do preso.

Apesar da tristeza da situação que o preso provocou, entre os familiares que visitam os presos, existe um forte sentimento de apoio: o apoio familiar. Em várias falas foi dito da importância desse apoio, pois “é a mãe que pode acontecer qualquer coisa que nunca despreza...” (Entrevistada nº 03) – nesse caso podemos abranger para os familiares próximos entrevistados (pai, amasia e avôs) e não somente as mães.

Ainda sobre o apoio familiar, existe um vínculo de solidariedade entre os familiares e os presos que não os permitem abandonar os presos e, ao mesmo tempo, a ação de visitar e dar apoio, é interessada na recuperação do preso, ou que pelo menos ele não se revolte ainda mais. Outro ponto comum nas entrevistas, é que a expectativa com relação ao futuro dos presos, sempre positiva e esperançosa, está fundamentada numa grande crença na providência divina, no nosso caso, em Deus. Em outras palavras, o fator religioso incidiu diretamente na expectativa de mudança de comportamento dos presos, o que significa dizer que a crença maior não é no poder de recuperação do presídio, da educação ou do trabalho, mas sim em Deus.

Finalmente, sobre o presídio, os familiares possuem uma visão positiva com relação ao tratamento que eles e os presos recebem. Apesar de afirmarem que a prisão não é um bom lugar e de se queixarem com relação à algumas práticas protocolares durante as visitas, compreendem a importância e até mesmo justiça dessas ações. Em outras palavras, não existe um sentimento de revolta e de indignação para com o presídio. Pelo contrário, em alguns casos, acredita-se até mesmo que o presídio oferece segurança para o familiar preso que, caso estivesse em liberdade, estaria em risco de vida¹.

¹ Dois presos de dois familiares entrevistados para essa pesquisa receberam liberdade condicional e, durante a confecção desse estudo, foram assassinados em Viçosa-MG.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propusemos a estudar o contexto do sistema prisional, numa avaliação dos fatores que levaram reclusos a se envolverem com a criminalidade na perspectiva de suas famílias, como parte de um conjunto de outros trabalhos desenvolvidos e a serem desenvolvidos pelo Observatório Social Interdisciplinar da UFV (OSI).

Sabemos que a pesquisa científica busca mostrar evidências e correlações de causa e efeito. Numa pesquisa, o objetivo é compreender a dinâmica do fenômeno e pode afirmar que “isso causa aquilo”. Não era o que pretendíamos e nem o que conseguimos alcançar nesta pesquisa. Não temos aqui conclusões, mas tão somente considerações que podem contribuir com o avanço de novas pesquisas sobre o tema e da forma como olhamos para tal temática. Pode contribuir ainda para uma reflexão pormenorizada sobre os presos e seus familiares da qual se pode basear o desenho e aperfeiçoamento de políticas públicas. Em poucas palavras, não podemos aqui dizer que as nossas considerações são factuais – são interpretações acerca de um fenômeno e estamos ainda distantes de uma teorização mais abrangente acerca deste.

Para a realização desta pesquisa mobilizamos algumas teorias da criminologia como: controle social, aprendizagem e do desvio. Tal como Bourdieu (2009) discute, as teorias foram consideradas no presente trabalho não para serem testadas ou comprovadas, mas para orientar o trabalho de campo e, posteriormente, de análise. Nesse sentido, cabe mencionar, que os limites do trabalho se devem antes ao pouco tempo em que foi realizado do que uma precariedade das abordagens utilizadas.

No Presídio de Viçosa, existe a presença de familiares em dia de visita esperando, animados e pacientes a hora de se submeter a revisita pessoal e ofertar todo o apoio emocional ao seu familiar preso.

A recuperação do preso passa pela manutenção de referência com o mundo exterior, tais como, a família, o meio de trabalho, o bairro onde reside quanto mais essa referência forem afastados, mas difícil será sua readaptação posterior à sociedade. Pode ser que, após um longo período, adaptado pelas forças de sua instituição total, o mesmo já não consiga se adaptar a uma sociedade livre.

As visitas possibilitam uma maior aproximação à realidade vivida pelos familiares dos apenados, além de garantir o contato com aqueles familiares que não vão até o presídio. Nessa luta será necessário contar, não apenas com uma estrutura carcerária eficiente, capaz de proporcionar ao preso uma capacitação mínima de subsistência ao ser

liberto, mas também, com o apoio da família e da sociedade, possibilitando a volta do preso à vida produtiva, aceitando-o em todos os seus setores, sem preconceito em relação à conduta pregressa.

Com relação ao discurso dos familiares sobre os presos é apresentado a figura abaixo que sintetiza os principais termos e conceitos utilizados durante as entrevistas:

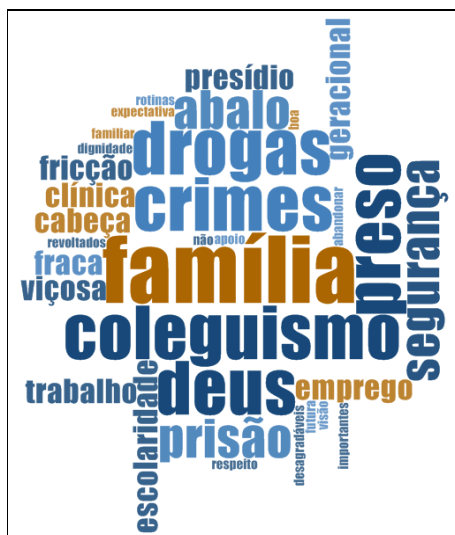


Figura 06. Nuvem de palavras: síntese entrevistas.

Nesse sentido, durante a análise dos dados buscamos compreender e categorizar o discurso dos familiares em três distintos momentos:

- 1º Momento: relação do preso com a família, sua história de vida, em especial a infância, a escola e o trabalho;
- 2º Momento: entrada do preso no mundo do crime e a relação com as drogas;
- 3º Momento: prisão, o impacto sobre a família, o apoio familiar e a expectativa com relação ao futuro.

Esses três momentos podem ser sintetizados na figura abaixo:

1º MOMENTO	2º MOMENTO	3º MOMENTO
Momento da vida do preso marcado pelo baixo controle social, que têm como consequência fricção geracional (não escuta os conselhos da família) e baixo auto-controle (tem comportamento instável).	Aprendizagem do uso de drogas e do crime (muito associado à dependência às drogas e à cabeça fraca) com os colegas de rua.	Prisão gera um choque emocional na família, apesar de já premeditado e do presídio também ser visto como um “bom” corretivo e lugar seguro. Mantêm-se a esperança na recuperação e que o preso, após sair, com a ajuda de Deus e dos familiares, possa mudar de vida.

Figura 07. Síntese três momentos discurso dos familiares dos presos.

Fica claro no discurso dos familiares, que ora se justifica a associação dos parentes ao crime e às drogas, ora fatores externos à família (amigos, colegas, outros parentes), ora à fatores pessoais do preso (caráter, personalidade e “cabeça” do preso). Em nenhum momento houve uma explícita associação entre o ambiente familiar e a educação dada pelos pais com o comportamento do preso – o que contrasta com a teoria do auto-controle, que considera que o auto-controle é gerado em instituições como a família e escola. É preciso melhorar essa compreensão, pois não se trata de apenas afirmar que os pais se eximem da culpa, mas que de fato existe uma minimização da importância e do papel do familiar na vida do preso. Em outras palavras, existe uma lógica de considerar mais relevantes os fatores externos, “fora de casa”, do que os fatores internos, os de “dentro de casa”.

Diante das considerações acima, acreditamos serem necessários estudos mais aprofundados acerca do tema explorado, pois neste trabalho os familiares nos passam uma noção da vida de seus parentes reclusos enquanto estavam em liberdade, mas para um melhor entendimento e devido a amplitude e complexidade do tema em questão, teríamos que levar em conta demais aspectos, estudos e comparativos sobre o assunto. A criminologia mostra que não existe resposta para o crime sem políticas sociais capazes de construir uma democracia real, que oportunizem aos egressos condições de vida.

Portanto ao finalizarmos este trabalho, e não a discussão e debate sobre o tema que consideramos bastante complexo, tivemos aqui a oportunidade de aprender e colocar nossos conhecimentos em confronto com a realidade e esperamos ter sido, apesar de breve e frágil, válida a contribuição deste trabalho para o desenvolvimento das discussões sociológicas acerca da violência e criminalidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Jeffrey C. **O novo movimento teórico.** Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_04/rbcs04_01.htm>. Acessado em: 21 de outubro de 2014.

ALVIM, Wesley B. **A ressocialização do preso brasileiro.** Disponível em: <[HTTP://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2965/A-ressocializacao-do-preso-brasileiro](http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2965/A-ressocializacao-do-preso-brasileiro)>. Acessado em: 04 de novembro de 2014.

BBC Brasil. **Número de presos explode no Brasil e gera superlotação de presídios.** Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121226_presos_brasil_aumento_rw.shtml>. Acessado em: 28 de outubro de 2014.

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico.** In: MORTENSEN, C. David. Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Tradução Fernando Tomas. 12. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BUORO, Andréa Bueno. **A cabeça fraca: familiares de presos frente aos dilemas da percepção dos direitos humanos.** In: Revista USP, São Paulo: Março/Maio 1998.

CAMARGO, Virginia. **Realidade do Sistema Prisional no Brasil.** Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1299>. Acessado em: 04 de novembro de 2014.

CAMPOS, Webster de Oliveira. **O trabalho penitenciário como garantia de dignidade para a família do preso.** Dissertação de mestrado. Salvador, 2011.

CENTRO DE REFERÊNCIA DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS (CRATOD). Disponível em: <<http://www.saude.sp.gov.br/cratod-centro-de-referencia-de-alcool-tabaco-e-outras-drogas/institucional/decreto-de-criacao>>. Acessado em: 24 de outubro de 2014.

CÓDIGO PENAL BRASILEIRO (Decreto-Lei nº 2.848-97).

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DOS SANTOS, José Vicente Tavares. **As possibilidades das metodologias informacionais nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do século XXI.** Revista Sociologias, ano 3, nº 5, p. 116-148. Porto Alegre-RS: jan/jun 2001.

DURANTE, Marcelo Ottoni. **Avaliação dos fatores que levam os adolescentes e jovens a se envolverem com a criminalidade.** Projeto de pesquisa do OSI. Disponível em:

<https://drive.google.com/open?id=0B1GSm31BgYLeNEp4TTIOR0NUTGc&authuser=0>.
Acessado em: 05 de novembro de 2014.

DURKHEIM, Émile. **Regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FREITAS, Luciana de Lábio. **A família como principal meio reabilitador do preso na pena privativa de liberdade**. Monografia de conclusão de curso. Marília, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **7ª Anuário Brasileiro De Segurança Pública**. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/7a-edicao>>. Acessado em: 25 de outubro de 2014.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **A modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de Magda Lopes. Editora da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, SP: 1997.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. 11ª reimpressão – São Paulo, SP: EPU, 2009.

LEI DE EXECUÇÃO PENAL BRASILEIRA (Lei nº. 7210/1984).

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3.ed. – Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

MERTON, Robert K. **Sociologia, Teoria e Estrutura**. São Paulo, Mestre Jou, 1970.

PORTO, Maria Stella Grossi. **Crenças, valores e representações sociais da violência**. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 250-273.

PRUDENTE, Neemias M. **Sistema Prisional Brasileiro: Desafios e Soluções**. Disponível em: <<http://atualidadesdodireito.com.br/neemiasprudente/2013/03/06/sistema-prisional-brasileiro-desafios-e-solucoes/>>. Acessado em: 04 de novembro de 2014.

SABARÁ, Maria Tereza. **Interpretações do crime: análises sobre os contextos e discursos dos presidiários de Viçosa-MG**. Monografia de conclusão de curso. Viçosa, 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA SOCIAL – Subsecretaria de Administração Penitenciária. **Regulamento Disciplinar Prisional (REDIPRI)**. Disponível em: <<http://www.sindaspmg.org.br/REDIPRI.pdf>>. Acessado em: 24 de outubro de 2014.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. In: Max Weber: sociologia (Gabriel Cohn org.). São Paulo : Ática, 1991.